Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira **24.4.2024** / Diário / Ano 160.º / N.º 56 615 / **€ 1,50** / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

A ANTEVISÃO DE JOVENS

E QUANDO A DEMOCRACIA FIZER 100 ANOS?

PORTUGUESES

"Quero emigrar, mas não posso desistir do meu país"

IMIGRANTES

"Construir uma carreira e viver. Portugal é um país de oportunidades"

PÁGS. 4 - 7

Matilde, Sara, Martim e Dinis, estudantes da Escola Secundária da Ramada , Odivelas.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

ONDE ESTAVA HÁ 50 ANOS

VASCO LOURENÇO

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

PÁG. 3

MÓNICA FERRO

"AINDA FALTA MUITO PARA CUMPRIR ABRIL NOS DIREITOS DAS MULHERES"

PÁGS. 14-15

Redução do IRS

PSD não sabe se vai chumbar "exercício de oportunismo" do PS PÁG. 10

Argentina

Quanto vai durar e o que se esconde atrás do "milagre económico" de Milei

PÁG. 21

Médicos

Fnam vai apresentar 10 exigências ao Governo

PÁG. 13

Shirley MacLaine aos 90

Deus (ainda) sabe quanto ela amou

PÁGS. 26-27

Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

O champanhe De Sousa, o soldado minhoto na Flandres e Soares e Cunhal a debater em francês

Aceito uma taça de champanhe De Sousa e penso como, da passagem do Corpo Expedicionário Português (CEP) por França, ficou na memória coletiva o heroísmo do soldado Milhais e a tragédia de La Lys, a pior derrota portuguesa depois da Batalha de Alcácer Quibir, pois a 9 de abril de 1918 foram mortos 400 soldados numa questão de horas e outros sete mil feitos prisioneiros.

Autor do livro *De Lisboa a La Lys*, sobre a história do CEP, Filipe Ribeiro de Menezes contou-me há uns anos, numa entrevista aquando do centenário da batalha, um lado mais pessoal da história: a família só ter descoberto que o seu avô Mário estava vivo e preso na Alemanha por uma foto ter sido publicada no DN a acompanhar uma pequena notícia sobre os cativos portugueses. Dos sobreviventes, muitos nunca mais foram os mesmos, com traumas físicos e psicológicos vários e as consequências desconhecidas dos ataques com gás.

Não consegui apurar se o minhoto Manuel de Sousa combateu em La Lys ou se nos tempos passados nas trincheiras, na Flandres, conheceu o transmontano Aníbal Milhais, cujos feitos lhe valeram ser promovido a *Milhões*, o célebre *Soldado Milhões*, que mesmo com as linhas portuguesas desfeitas continuou na sua trincheira a disparar a metralhadora Lewis, a nossa "*Luísa*", contra os alemães. Mas no dia de um debate sobre os 50 anos do 25 de Abril organizado no Palácio de Santos, onde fica a embaixada francesa, dei por mim a provar o tal champanhe De Sousa. Sim, De Sousa, pronunciado muito provavelmente *De Souzá*. E foi Paulo Dentinho, antigo correspondente da RTP em Paris, que me contou, com gosto, a história, que, aliás, deu origem a uma reportagem sua que passou na televisão portuguesa.

Em rápidas pinceladas, eis essa história: Manuel de Sousa (originário da "província de Braga, perto do Porto", diz o site do champanhe De Sousa) combateu em França na Primeira Guerra Mundial, regressou a Portugal onde o esperava a mulher, mas o pequeno comércio que tinha não correu bem e surgiu a ideia de emigrar. Para França. O casal mais o filho António, nascido pouco antes, fixou-se em Avize. Manuel começou a trabalhar no campo e a família foi crescendo. Mas aos 29 anos o antigo soldado morre (consequência do gás nas trincheiras?). A viúva teve de criar sozinha quatro crianças, ou seja o António que nasceu em Portugal e três francesinhos. E um dia António, já Antoine, apaixonou-se por Zoémie, cuja família, os Bonville, tinham vinhas.

Os De Sousa produtores de champanhe vão agora na quarta geração, com Charlotte, Julie e Valentin a sucederem a Erick, enólogo que morreu no ano passado. A ligação a Portugal é ténue, mas em tempos visitaram a Região do Douro e também Lisboa.

Quem faz questão de celebrar esta história luso-gaulesa é a Embaixada de França em Lisboa, que incluiu o De Sousa entre os campanhes que são servidos nos eventos ali organizados – *soft power* diriam os anglo-saxónicos. Uma celebração discreta, pois nem sempre quem bebe a taça de champanhe olha para o rótulo da garrafa.

Felizmente, Paulo Dentinho olhou e achou que eu ia gostar de conhecer este episódio das relações bilaterais, quase tão curioso como a TV francesa ter transmitido um debate que juntou Vítor Alves, do MFA, aos líderes partidários Mário Soares, Sá Carneiro, Álvaro Cunhal e Freitas do Amaral. Que debateram em francês!

O vídeo faz, aliás, parte de uma exposição reveladora do interesse com que os franceses seguiram a *Revolução dos Cravos* e que junta telegramas diplomáticos e primeiras páginas de jornais. Não esquecer que França foi a principal terra de asilo para quem fugiu do Portugal pobre e ditatorial que existiu até 1974, a mesma terra que acolheu, noutro contexto, o antigo militar do CEP, o que hoje nos permite brindar com um champanhe chamado De Sousa à amizade luso-francesa.

OS NÚMEROS DO DIA

130

MILHÕES DE EUROS
O Departamento de Justiça dos EUA vai atribuir cerca de 130 milhões de euros em indemnizações a mais de uma centena de vítimas de abusos sexuais cometidos pelo ex-médico da seleção de ginástica, Larry Nassar.

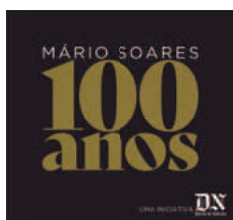
2

FASES FINAIS
O árbitro Artur Soares Dias, de 44 anos, vai voltar a estar presente na fase final de um Campeonato da Europa de futebol, no próximo Euro2024, na Alemanha (depois de ter estado no Euro2020), enquanto Tiago Martins vai estrear-se no videoárbitro (VAR), anunciou a UEFA.

20,06

EUROS
As ações da Galp subiram ontem 3,67% para 20,06€, um máximo histórico. A descoberta de uma reserva de petróleo na Namíbia já tinha feito as ações dispararem mais de 20% no dia anterior.

48

POR CENTO
As companhias de aviação *low cost* deverão atingir, em 2030, uma quota de 48% nos voos de curta distância, com uma grande parte desta expansão a ocorrer na Europa e Ásia (em particular na China e na Índia), segundo uma análise divulgada ontem pela consultora Bain & Company.

24.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época. Visado pela censura.

No DN

A ESCALADA DO TERRORISMO

INTENSAS INVESTIGAÇÕES DA POLÍCIA AUSTRÍACA

PARA DESCOBRIR OS AUTORES DOS "ATENTADOS ATÓMICOS"

INFORMA UM JORNAL ÁRABE

MÍSSEIS SOVIÉTICOS DE OGIVAS MÚLTIPLAS

CONTRA A AVIAÇÃO ISRAELITA SOBRE O MONTE HERMON

PARA SOBREVIVEREM AO PRIMEIRO ESCRUTÍNIO

A CAMPANHA ELEITORAL EM FRANÇA

GUERRA SEM QUARTEL

ENTRE OS DOIS CANDIDATOS PRINCIPAIS DA COLIGAÇÃO GOVERNAMENTAL

GISCARD D'ESTAING

A COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

SUSTO **Os passageiros que se encontravam na Gare de Leste, em Paris, foram surpreendidos pela presença de investigadores atómicos. Havia a suspeita de que produtos radioativos tinham sido espalhados em dois comboios provenientes de Viena, a capital da Áustria.**

Ameaça terrorista na ferrovia francesa

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Na manhã de dia 24, há 50 anos, todos os passageiros que se encontravam na Gare de Leste, em Paris, apanharam um valente susto. Não era para menos. Havia uma ameaça terrorista que pairava sobre os comboios internacionais provenientes da Áustria. *A escalada do terrorismo: Intensas investigações da polícia austríaca para descobrir os autores dos 'atentados atómicos'*, titulava o DN.

"'Alerta atómico na Gare de Leste em Paris...' Esta frase, contrariamente ao que possa parecer, não foi tirada de qualquer filme de ficção científica, mas proferida por um dos responsáveis do Comissariado de Energia Atómica de França", podia ler-se. "O dispositivo previsto foi montado. Eram oito horas da manhã e numerosos passageiros aguardavam a hora de partida dos seus comboios. (...) Viram chegar um grupo de homens com aparência entre o marciano de folclore livresco e os homens-rãs, manejando estranhos aparelhos com misteriosos mostradores."

O perigo viria da Áustria. "Especialistas da radioatividade, estes homens delimitaram imediatamente uma zona interdita, que abrangia duas plataformas destinadas ao tráfego internacional. Era aí que deveria chegar o Simplon-Orient Express, proveniente de Viena de Áustria. (...) As autoridades francesas tinham sido avisadas pelos Serviços de Segurança Austríacos de que produtos radioativos tinham sido espalhados em dois comboios partidos de Viena."

Ainda em França, continuava a aguerrida campanha eleitoral para a Presidência da República. *Guerra sem quartel entre os dois candidatos principais da coligação governamental*, titulava o jornal. A filha de Giscard D'Estaing juntava-se à campanha e deixava-se fotografar com uma camisola da campanha eleitoral, que tinha escrito: "Giscard à barra", entenda-se, ao leme da nação gaulesa.

No Médio Oriente nova escalada da tensão entre Israel e a Síria. *Mísseis soviéticos de ogivas múltiplas contra a aviação israelita no Monte Hermon*, lia-se, em título. Ao mesmo tempo, preparava-se uma visita do secretário de estado norte-americano, Henry Kissinger, àquela região.

Em Portugal, Marcello Caetano reuniu o Conselho de Ministros para debater a conjuntura económica do país e fez aprovar o Diploma de Reorganização da Previdência da classe médica.

Onde eu estava

Vasco Lourenço nasceu em junho de 1942, em Lousa, Castelo Branco. Impulsionador do *Movimento das Forças Armadas*, foi preso nas vésperas do golpe militar e transferido compulsivamente para Ponta Delgada. É presidente da Associação 25 de Abril.

O meu Datsun branco 1200 fez para cima de 30 mil quilómetros nos oito meses de conspiração que levaram à Revolução de Abril. Como responsável operacional, competia-me ter tudo sob controlo. A estrutura militar desconfiava, o meu telefone estava sob escuta, mas as reuniões sucediam-se até altas horas da noite, muitas delas em nossa casa. Casei-me com a Adélia a 29 de setembro de 1973. Em plena conspiração. A minha mulher, professora do Ensino Primário, não fazia perguntas. Na nossa sala, os capitães conspiradores, embalados num ou noutro *whisky* e, sobretudo, em muitos cigarros, traçavam planos. Pouco dado a álcool, era capaz de consumir dois maços por dia de SG Gigante. A minha sorte era não travar o fumo.

Morávamos no Estoril, casa alugada a major amigo que estava em Moçambique, na guerra. Pagávamos uma renda de 2000 escudos, salvo erro. A conspiração tirava-me todo o tempo – para trás ficavam os jogos de *bridge*, hábito diário em que cheguei a ser Vice-Campeão Nacional por equipas. Foram meses vividos intensamente, com os oficiais unidos por uma enorme confiança e lealdade. Era importante que as unidades com missões saíssem na hora H. Nem uma podia falhar.

Sou um otimista, tenho uma boa dose de autoconfiança, nunca me encolhi e sempre pensei que se alguém é capaz de fazer, então também sou. Mas, estava preparado para assumir as responsabilidades, caso corresse mal.

Nas vésperas da revolução fui preso. A 15 de março transferiram-me compulsivamente para Ponta Delgada, nos Açores. Os únicos momentos bons ali passados foram os poucos dias da visita da minha mulher, na Páscoa. Uma pequena amostra da lua de mel que não chegámos a ter.

A conspiração tirava-me todo o tempo (...). Foram meses vividos intensamente, com os oficiais unidos por uma enorme confiança e lealdade."

Não era a primeira vez que estávamos separados. Entre 1969 e 1971 cumpri uma Comissão de Serviço na Guiné. Consegui montar um estúdio de fotografia e das fotografias que tirava fazia postais que escrevia à minha futura mulher. Postais de amor.

Guiné era a guerra das guerras. Ali passei por situações muito complicadas em combate. Ataques ao quartel, emboscadas. Fui capaz de ultrapassar as situações e de me portar bem. Não tive baixas do pessoal que foi comigo de Portugal. Mas perdi alguns guineenses que combatiam ao nosso lado. Como é que uma pessoa se coloca numa situação em que é morta pelos dele? A pergunta tinha uma só resposta: estava ali a mais. Regressei determinado: não voltaria à guerra. Pediria para sair, desertaria. Ou, então, aproveitava a oportunidade para correr com os ditadores.

No dia 25 de Abril estava nos Açores. Quando a minha mulher chegou ao Colégio em Oeiras onde então lecionava, e para onde eu costumava telefonar, tentando fugir às escutas, uma colega recebeu-a de braços abertos. "Desta vez é que o Vasco vem", disse-lhe. "Telefonou, foi?", respondeu a minha mulher sem suspeitar que estava a revolução na rua.

A minha filha Gabriela nasceria já em liberdade. Cresceu a ouvir os relatos da grande aventura. É uma mulher de Abril. O meu neto, de 15 anos, já passou a fase em que conversava muito comigo, mas sei que continua a sentir orgulho no avô.

O orgulho que os meus pais teriam. Eram comerciantes numa aldeia de Castelo Branco. Vendiam de tudo, sobretudo azeite, que o meu pai mandava fazer em lagar próprio. Em adolescente, não havia destino que eu desejasse verdadeiramente. Os meus pais queriam-me padre, médico ou engenheiro. Recusei. Gostava de atividade física, tinha tendência para a liderança, gostava de comandar. Agradava-me a camaradagem e a noção de lealdade implícitas na vida militar.

Ingressei na Academia Militar em 1960, tinha 18 anos. Fui Campeão Universitário em futebol e Vice-Campeão em atletismo (100 e 200 metros). No final do 1.º ano, porém, fiz um opúsculo onde expus alguns dos ideais de um jovem desiludido. Longe de imaginar o quanto iria realizar-me como militar e pessoa por ter participado na Revolução de Abril.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles

FUTURO

"Quero emigrar, mas não posso desistir do meu país"

PROJETOS E ANGÚSTIAS Alunos da Escola Secundária da Ramada, em Odivelas, entre os 14 e os 18 anos, falam de experiências pessoais, do futuro e da luta a que estão dispostos por um país para jovens.

TEXTO **ALEXANDRA TAVARES-TELES**

"Será cobardia?", pergunta Matilde L. de 14 anos, olhando para o futuro. "Talvez emigre", diz, com culpa na voz. No auditório da Escola Secundária da Ramada, onde é aluna do 9.º ano, acaba de assistir aos relatos de dois resistentes antifascistas, testemunhas da vida em Portugal há 50 anos. "Aquelas pessoas, na altura tão novas, tentaram melhorar Portugal. E eu? Hoje, o que elas esperam de mim?" Para a adolescente, emigrar é esperança, e contrição. "Por um lado, acho que terei de o fazer; por outro, não quero deixar o meu país sabendo que não está bem. Quero emigrar, mas não posso desistir do meu país." Rodeada de colegas de turma, Matilde baixa os olhos. "E até era possível ter aqui uma vida boa. Só que..."

Matilde não conseguiria trabalhar num escritório. Pode vir a ser agente medalhada da Polícia Judiciária, ou uma professora feliz pelas crianças que ensinará a ler. Mas não arrisca mais que um "Talvez."

"Neste País, fico indecisa. Tenho memórias muito positivas da minha infância com a minha professora, e gostava de dar essa experiência a outros; mas nada me motiva. Sei que muitos professores são infelizes, e mal pagos. Não quero estar infeliz por não conseguir preencher os meus sonhos."

Quem são os culpados? A *teenager* não aponta o dedo. Apesar das dificuldades, sabe que cresce num país muito distante daquele onde nasceram os avós. "O meu é muito melhor. Disso tenho a certeza."

Mariana Paulino, de 17 anos, concorda. Para a aluna do 12.º ano, "é muito bom viver depois do 25 de Abril". Porém, nota que a geração a que pertence "tem tido um certo azar". "É justo que se diga. Nascemos numa altura em que não há certezas de nada."

Quer seguir Psicologia. "Não sei bem para, depois, fazer o quê", acrescenta. Imagina-se na faculdade e de estágio em estágio. "Provavelmente para não ganhar nada", teme.

Mariana, de manhã, Matilde, à tarde, ouviram falar de um tempo em que havia crianças descalças e desnutridas nas salas de aula. Adolescentes operários. Jovens presos por lutarem contra a ditadura, ou a morrer na Guerra Colonial. Mulheres impedidas de decidir sobre si próprias e o país.

> Vera Almendra é uma das melhores alunas da turma. "A maior desilusão é pensar que estou a estudar para depois não arranjar trabalho." A dois meses de completar o Ensino Secundário, a jovem de 18 anos vive um dilema: "Estou entre escolher o que gosto ou aceitar o que me dá mais jeito."

As angústias dos jovens de agora são seguramente mais leves, dizem. "Mas também incomodam muito e ensombram o futuro."

Por amor ou por interesse?

Não arranjar trabalho, não ter uma casa, sem dinheiro para o dia a dia, não conseguir sair de casa da mãe: são os medos maiores de Leonor. Prestes a terminar o 12.º ano, tem a decisão tomada: "Não vou continuar a estudar. Não gosto disto." A voz doce transforma-se em determinação. "Tenho um bom plano." Foi traçado com uma prima emigrada na Irlanda: "Ela diz que, lá, ganha-se muito melhor, e que nos primeiros tempos vai ajudar-me." Vai juntar dinheiro, regressará a Portugal e abrirá um negócio. Que negócio? "Isso ainda vou descobrir", diz a futura empresária de 17 anos.

Vera Almendra é uma das melhores alunas da turma. Separa-a de Leonor o gosto pelo estudo, mas partilha os receios com a amiga. "A maior desilusão é pensar que estou a estudar para depois não arranjar trabalho."

A dois meses de completar o Ensino Secundário, a jovem de 18 anos vive um dilema: "Estou entre escolher o que gosto ou aceitar o que me dá mais jeito." Atendendo ao coração, Vera seguiria Jornalismo. "Olhando para a realidade", considera prosseguir o negócio dos pais. "Gostava muito de ser jornalista; mas sei que, quando sair da bolha, vou ter um choque brutal. As casas, por exemplo, estão ao preço do ouro. E tenho três irmãos."

A ansiedade não poupa o grupo dos mais novos, todos com 14 anos. Dinis, para quem "não oferecer uma vida aos pais, na reforma deles, ou socorrer a irmã em caso de urgência" seria uma "dor muito grande", aposta em duas saídas: o futebol, onde pode vir a ser um Rafael Leão "só que em mais baixinho", ou a aviação civil, "hipótese absolutamente possível".

Sara, cujo sonho é ser educadora de infância, está cansada de ver a mãe trabalhar para lá do horário normal para compor o salário do mês. Faz contas, compara salários de Portugal e de Espanha, para concluir que pode ganhar 2000 euros "já aqui ao lado, acordando todos os dias para fazer o que gosta".

Pedro quer sobretudo "ser muito bom no que vier a escolher", quando o fizer. Martim, capaz de ser tão feliz no futebol como na GOE (Grupo de Operações Especiais), é lapidar: "O sonho de todos é atingir o que queriam ser em criança e ganhar dinheiro por isso."

Ibrahim I. tem 18 anos. Com o 12.º ano finalizado, é muito provável que escolha o Curso de Direito. Salienta viver num tempo em que

Matilde, Sara, Martim e Dinis, fotografados com o símbolo do 25 de Abril, ainda têm dúvidas sobre o seu futuro.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Mariana, Ibraim, Vera e Leonor falaram sobre as suas preocupações. E sobre o que gostariam de ver mudar no país.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

há pouco para distribuir. Falta trabalho, habitação, salários justos. Certezas.

"Quando há pouco, é preciso ser-se muito competitivo. E isso, por vezes, quer dizer passar por cima dos outros. É assim que estamos." Faria isso para conseguir um emprego? "Só por desespero. Não conto chegar a esse ponto", responde sem hesitar.

Mariana é ainda menos otimista. "Preparada para o fazer, não direi que estou, mas o mais certo é termos de o fazer; não tanto agora, na escola, mas lá mais para a frente."

Leonor discorda: "Não é preciso esperar. Não entro em competições, mas vejo muitas pessoas da minha turma a competirem com a Vera, por exemplo, porque ela é das que tem melhores notas". Vera compete com ela própria. "Depois, eventualmente, haverá lugar para quem se esforçar. Eventualmente."

A linha de partida

"Não há igualdade de género, nem igualdade social. E as pessoas com difícil mobilidade também não são consideradas", diz Matilde, voz indignada.

A linha de partida ainda não é a mesma para todos, concordam em uníssono. "A mim chocam-me, sobretudo, as desigualdades entre rapazes e raparigas", confessa Sara. Descreve um *cartoon* mostrado numa aula de Cidadania, prova de que ainda "falta fazer muito".

"Vemos um homem a subir umas escadas facilmente, chegando ao topo sem empecilhos. Ao lado, uma mulher sobe umas escadas mais altas, ainda a cuidar dos filhos, a tratar da comida e das limpezas. A escada estava partida – ia demorar muito mais tempo a subir." A indignação vai crescendo: "As mulheres não ganham o mesmo salário, mas fazem o mesmo trabalho; cuidam da família e da casa e ainda ganham menos que os homens."

Martim intervém: "Não só ganham menos, como não atingem os mesmos cargos." Já sentiu na pele a injustiça: "A minha mãe trabalha na mesma empresa há muitos anos e só há pouco conseguiu atingir o cargo que queria. Fosse homem e tinha conseguido o lugar mais cedo."

Martim interessa-se por política. Com 14 anos, chama a atenção para o "problema da corrupção, e como ele pode fazer aumentar o radicalismo". A corrupção e as desigualdades sociais: "Sinto que acabaram com a classe média. Hoje há ricos e há pobres."

Sara, a menina que tenciona emigrar para Espanha, concorda. "No meu caso, por exemplo: não quero ser pobre, mas também não faço questão de ser rica." Quer uma vida "estável, normal e feliz". E, acrescenta, "demonstrar amor pelos meus filhos".

Filhos. Leonor quer quatro. Matilde, três. Vera, dois. Ibrahim, os mesmos de Leonor. Mariana, o que a vida lhe trouxer: "Penso que seria muito feliz casada, com filhos; mas também penso que seria muito feliz se não casasse e não tivesse filhos. Ter filhos não é obrigatório."

Martim é outro que quer ser pai: "Mas o meu primeiro objetivo é entrar na faculdade e evitar que os meus pais tenham de pagar por isso, porque ainda têm outro filho. Depois, é um bocado o estereótipo: encontrar uma mulher e ter filhos."

Planeta, guerra e SNS

Leonor tem medo das mudanças climáticas e queixa-se do "egoísmo das pessoas". Martim e Dinis chamam a atenção para as temperaturas altas que se fizeram sentir nos últimos dois meses. "Isto não é normal; estamos em abril e já começámos a ir à praia", diz Dinis, pessimista: "Isto vai ser muito grave; se em abril de 2024 estamos a ir à praia, daqui a uns 20 anos estaremos com temperaturas extremas no mesmo período." Daqui a duas décadas, Dinis terá 34: "Já terei filhos, e muito que pensar nas gerações futuras."

> "Às vezes a liberdade também traz a estupidez", diz Matilde. E explica: "As pessoas que dizem que o 25 de Abril não é importante sempre tiveram a liberdade garantida. Para eles é uma coisa fácil e sem importância. Só que não é."

Pedro coloca um fardo nas costas da geração a que pertence: "É a minha geração que tem de resolver os erros do passado. Compete-nos fazer isso. Somos a última hipótese. Se passarmos essa responsabilidade para os nossos filhos, está tudo perdido."

Martim concorda. "Ou é agora ou é tarde." Só vê uma solução, radical: "Outra pandemia. Quando estivemos confinados em casa, a poluição baixou bastante. Se estivéssemos uns quatro ou cinco anos confinados, o aquecimento global não aumentava." Dinis acredita que regrediria. E Sara questiona quem continua a poluir os oceanos com plásticos. "Que mundo é este?"

A urgência em legislar a favor do planeta, cortando nos combustíveis fósseis, "civilizando" as pessoas, ou protegendo "água e florestas", é uma prioridade para estes jovens. Mas há outras. A guerra: "Só de pensar na possibilidade de a Espanha invadir Portugal e eu ter de ir lutar pelo meu país é aterrador", diz Martim, referindo-se à invasão da Ucrânia pela Rússia.

Percebe o lado de quem não ajuda a Ucrânia. "Se forem ajudar a Ucrânia e atacarem a Rússia, vão abrir caminho à Terceira Guerra Mundial. E eu acho que ninguém quer isso."

Matilde revela o mesmo medo: "O nosso país não está preparado para uma guerra. As nossas Forças Armadas não estão preparadas. Por isso é que ninguém se quer inscrever."

Leonor lança um novo tema: "O mais importante é a saúde. O meu avô esta à espera há imenso tempo para ser operado. E as consultas são muito caras. Não é justo." "O meu avô está à espera de uma operação há muitos meses. A minha avó está à espera de consultas. Eu vejo o tempo que isso demora; não devia ser assim", diz Vera.

Votar, votar, votar

"Claro que nos arriscamos a perder direitos", diz Pedro, recordando que, ao longo da história, "a Humanidade foi conquistando e revertendo direitos".

Para Dinis, "as pessoas que pensam que perder este ou aquele direito é indiferente, não sentiram na pele o que era não os ter. Por exemplo, a liberdade – quem não se importa de a perder, ou não lhe dá valor, não tem bem a noção do que custou conquistar esse direito para as gerações poderem usufruir dele. Como não estiveram a trabalhar no duro para os conquistar, não se importam de os perder".

Aceitariam perder a liberdade? "Se quiserem voltar ao antigo regime, temos de protestar", defende Martim: "Dantes não podíamos estar aqui a falar com jornalistas."

Ibrahim mostra-se menos otimista: "Tenho colegas que não ligam muito à democracia, nem ao voto." Vera acha mal: "Este ano votei pela primeira vez. Gostei muito. Senti que tinha uma certa responsabilidade. Fui de consciência muito tranquila e consciente do que ia fazer."

Devem permitir-se vivas a Salazar e à ditadura? Ou dizer 'Abaixo a liberdade e o 25 de abril'? "O direito de dizer isso há sempre. Há e deve haver", começa por responder Martim. "Podemos não concordar. Porque a dúvida é: será que alguém concorda?"

É Pedro quem responde: "Há muita gente que concorda, sim. Veem mais o bem que o Salazar fez do que o mal". Para Sara, "todos têm direito de dizer o que pensam." "Mas, no meu ponto de vista, não há razão para dizer isso." Assegura não conhecer quem goste de viver sem liberdade de expressão.

"Às vezes a liberdade também traz a estupidez", diz Matilde. E explica: "As pessoas que dizem que o 25 de Abril não é importante sempre tiveram a liberdade garantida. Para eles é uma coisa fácil e sem importância. Só que não é."

dnot@dn.pt

"Quero construir uma carreira e viver": a visão de jovens migrantes

PAÍS DE OPORTUNIDADES Nos 50 anos do 25 de Abril, o DN ouviu jovens de várias idades e nacionalidades sobre como veem Portugal hoje e como esperam que o país seja daqui a cinco décadas. Alguns desejos são unânimes.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Yannick Lemos quer que Portugal avance nas oportunidades de trabalho estáveis.

"Portugal é um país de oportunidades, é um país muito bom e bonito, onde as pessoas ajudam." É assim que Adnan Mostafa Uddin, 21 anos, define o país que escolheu para morar e onde pretende "construir uma carreira e viver". O jovem, que veio de Bangladesh, une-se aos outros milhares que decidiram viver em Portugal. São estudantes universitários, trabalhadores de diversas áreas em busca de uma vida melhor, outros vindos com a família: em comum, têm o facto de viverem numa terra onde não nasceram, mas com o desejo de prosperar.

Nestes 50 anos de democracia em Portugal, o DN olha para o futuro. As lentes escolhidas foram as de jovens que cá vivem, de brasileiros a hindustânicos. O objetivo é ter uma perspetiva de como veem o país hoje e como querem que seja no 25 de Abril de 2074, quando a democracia irá completar um século.

Adnan é imigrante desde cedo: nasceu no Qatar e, com apenas 1 ano de vida, foi viver no Bangladesh com a família. Há pouco menos de dois anos mudou-se novamente, desta vez para ter uma carreira. Foi Portugal que escolheu, país onde tem familiares que já fizeram o mesmo caminho e estão com uma vida estável. Conta também com o apoio da Associação Bangladesh do Barreiro, onde vive, trabalha e tem amigos.

Apesar de morar em Portugal há relativamente pouco tempo – menos de dois anos –, não são poucas as histórias que já ouviu de jovens portugueses e imigrantes que decidiram partir para outras terras. "O país seria melhor para os jovens se o salário-base fosse um pouco maior, porque o custo de vida em Portugal não é muito barato. É preciso fazer algo para manter os jovens, porque os jovens são o futuro de um país", resume. A opinião do bengali é compartilhada pela maioria dos entrevistados para este artigo.

Ordenados mais altos, casas com preços acessíveis e compatíveis com o salário estão no *top* dos desejos para os próximos 50 anos – opinião que pode ser mais semelhante do que se pensa, ao comparar com os jovens nascidos em Portugal, que passam pelos mesmos problemas. A diferença é que os imigrantes podem enfrentar situações adicionais, especialmente no que diz respeito à integração e dificuldades com a documentação.

Adnan repete que adora Portugal, que considera um país com "boas leis", mas deixa claro a mudança que quer: na burocracia e na lentidão do sistema público.

Melhores serviços aos cidadãos

Quem concorda com a opinião é a brasileira Caroline Napolitano. Não é jovem, tem 42 anos, mas olha para o futuro ao escolher Portugal como o país para criar as duas filhas pequenas. Saiu de São Paulo há seis anos com a família em busca de uma vida tranquila e com mais segurança. Em Braga alcançaram esse objetivo, onde as filhas estudam, brincam livremente e com segurança.

Confessa gostar da vida no país, mas a burocracia atrapalha. "Até hoje passamos por constrangimentos. Os processos nos serviços públicos são burocráticos e demorados e acabam por deixar os imigrantes em condições insalubres de sobrevivência", relata a *designer*.

Para Caroline, Portugal é um país com "imensas oportunidades de crescimento". O problema, na sua opinião, é que ainda não está preparado para receber os imigrantes. "Isso faz com que todos sofram, não só os imigrantes, mas toda a população portuguesa", afirma.

A profissional também olha com atenção para os casos de xenofobia e racismo em Portugal e no mundo, algo que julga merecer atenção das autoridades. "Todo esse movimento conservador pauta-se na 'moral da boa família e de Deus', mas para mim, essas lideranças estão interessadas apenas no jogo de poder e dinheiro. Eles aproveitam-se da falta de conhecimento da população para disseminar informações falsas, xenofóbicas e racistas", reflete.

> *"É muito importante manter a história viva para que a população se lembre sempre para onde não podemos voltar. Precisamos uns dos outros para evoluir, não podemos andar sozinhos".*
>
> **Caroline Napolitano**
> *Designer, moradora em Braga.*

Sobre isso, a imigrante defende a liberdade de cada um, sem invadir a liberdade do outro. "Quero que minhas filhas cresçam sabendo dos seus valores e potenciais, que vivam sem precisarem se preocupar com o tamanho de suas saias e que possam ser o que quiserem, sem julgamentos", frisa.

Para os próximos 50 anos, a brasileira preocupa-se com o futuro especialmente por causa das duas filhas e é esperançosa. "Acredito que os direitos à Saúde e Educação de qualidade devem evoluir. Pagamos altos impostos para que os profissionais dessas áreas não sejam valorizados como deveriam e isso reflete no que vemos hoje, população sem médico de família, urgências mais demoradas, escolas sem professores e miúdos cada vez mais pressionados com estudo autónomo para suprir a ausência de aulas de qualidade", explica.

Como imigrante, destaca novamente ser "urgente" a necessidade de melhorar os serviços públicos. "Espero que seja um país mais preparado tecnologicamente, menos burocrático, com saúde de qualidade, que valorize os profissionais da educação e respeite as diferenças linguísticas e que aproveite o conhecimento e mão-de-obra do imigrante de uma forma saudável e sem preconceitos", resume.

Emprego e estabilidade

Yannick Lemos, 22 anos, saiu de Moçambique para frequentar a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade do Porto. O estudante relata que a escolha de Portugal não se deu somente pela formação profissional. "Representa uma oportunidade de crescimento pessoal. Viver num país estrangeiro abre portas para novas perspetivas e experiências, desafiando-me a sair da minha zona de conforto e a desenvolver habilidades essenciais como a resiliência e a adaptabilidade", explica o estudante e também vice-presidente da Associação dos Estudantes Moçambicanos no Porto.

Enquanto país para os jovens viverem, o académico vê Portugal com bons olhos. "Proporciona acesso a uma Educação Superior de qualidade em instituições renomadas, o que é fundamental para o desenvolvimento académico e profissional dos jovens. Além disso, o ambiente cultural e social em Portugal é enriquecedor, proporcionando oportunidades para realizar conexões significativas e cres-

Caroline Napolitano quer um país seguro para as duas filhas pequenas.

Luís Felipe Fialho Viana preocupa-se com a falta de professores no país.

"Ao continuar a fortalecer o que já funciona e abordar os desafios que ainda persistem, acredito que Portugal pode continuar a alcançar feitos notáveis".

Yannick Lemos
Vice-Presidente da Associação dos Estudantes Moçambicanos no Porto

cer em um ambiente seguro", avalia. Ao mesmo tempo, Yannick diz que o mercado de trabalho "pode ser competitivo, com altas taxas de desemprego entre os jovens, especialmente em determinados setores". Por isso, o moçambicano considera essencial que, no futuro, seja resolvido o problema. "A falta de oportunidades estáveis e bem remuneradas pode representar um obstáculo para os jovens que buscam independência financeira e estabilidade profissional", alerta.

Mesmo assim, o moçambicano diz estar otimista em relação aos próximos 50 anos de democracia. "Portugal tem feito esforços para melhorar as condições para os jovens, com políticas voltadas para o emprego juvenil e apoio ao empreendedorismo", destaca.

Yannick conta como idealiza o país nas décadas seguintes. "Visualizo Portugal daqui a 50 anos como um país que ascendeu consideravelmente no contexto internacional, ganhando maior relevância e influência global. Imagino Portugal como uma nação que alcançou um equilíbrio entre tradição e modernidade. Visualizo um país que se destaca globalmente pela sua inovação e excelência em diversos setores", argumenta.

Outra área que o imigrante vê com necessidade de avançar está relacionada com os direitos igualitários no futuro. O jovem reconhece a existência de racismo e xenofobia em Portugal, "assim como em grande parte do mundo". Porém, neste ponto, também é um otimista.

"Tenho notado uma mudança gradual nesse cenário. Cada vez mais, as pessoas estão a se acostumar com a diversidade étnica e cultural, o que tem levado a uma maior aceitação. Hoje em dia é mais comum ver estrangeiros e pessoas de diferentes etnias a trabalhar em grandes companhias, refletindo uma mudança positiva na mentalidade das corporações e da sociedade em geral", complementa. No futuro, espera que na sociedade portuguesa "todos os cidadãos têm acesso igualitário a oportunidades de Educação, Saúde e emprego, promovendo uma coesão social mais forte".

"No Bangladesh não estudamos sobre o 25 de Abril, mas sei um pouco sobre a data, o dia que Portugal iniciou a sua revolução. É uma data importante para o país".

Adnan Mostafa Uddin
Empregado de loja.

Casas que as pessoas possam pagar

"Gosto das praias, gosto das pessoas, gosto dos clientes portugueses que ficam felizes com os nossos doces e *samosas* [chamuças]." Esta é a definição do indiano Rahul Gupta, de 28 anos, sobre o que mais gosta da sua vida em Portugal, país que escolheu para viver e espera construir uma família. De olhos no futuro, diz que pretende continuar cá, mas com esperança de melhores oportunidades de emprego e casas mais baratas.

Assim como é a realidade de muitos portugueses e imigrantes, Rahul partilha casa com outras pessoas e enfrenta um longo trajeto diário nos transportes públicos da casa até o trabalho. Sai de Monte Abraão, em Sintra, até a Avenida Almirante Reis, onde trabalha numa loja de produtos alimentícios. Orgulhosamente, fala empolgado do empreendimento em que trabalha, relata que é próspero, com uma filial em outra zona da cidade e bons clientes. Acredita que ter sempre trabalho é o mais importante viver no país, onde quer ter mais amigos portugueses e aprender o idioma.

Na avenida onde trabalha, são encontradas pessoas das mais variadas nacionalidades: chineses que cá vivem há décadas, indianos, nepaleses e bengalis – estes últimos passaram a ver Portugal como um destino de ouro mais recentemente. São muitos jovens como Rahul, a trabalhar em ocupações diversas, desde a restauração até barbearias e salões de beleza. Nem sempre é fácil fazer com que conversem com a imprensa – há o foco no trabalho em plena tarde de serviço e a timidez em aparecer no jornal, mas são unânimes ao afirmarem que gostam do país –, mas que o custo de vida poderia ser menor por conta do ordenado. O novo Programa do Governo tem como meta o ordenado mínimo de 1000 euros e o ordenado médio nos 1750 euros.

A jovem Ritu, do Nepal, trabalha como funcionária de uma salão de beleza, na Almirante Reis, onde faz um pouco de tudo: *design* de sobrancelhas, unhas, cabelo. Aliás, possui algumas madeixas verdes, em contraste com o cabelo de cor escura naturalmente. O salão atende pessoas de várias nacionalidades, principalmente mulheres asiáticas. Nas paredes, estão fotos do Nepal, uma maneira de lembrar as origens.

Em Portugal há dois anos, Ritu diz que gosta do país, especialmente do clima e do trabalho que cá desempenha. Para o futuro, diz que não sabe o que vai acontecer, mas deseja que a situação económica do país seja ainda melhor para todos, não somente para os imigrantes.

Integração e professores

O brasileiro Luis Felipe Fialho Viana, de 19 anos, tem um pensamento idêntico ao da nepalesa Ritu. "Espero e imagino que daqui a 50 anos Portugal será muito mais desenvolvido e com uma ainda melhor qualidade de vida para todos presentes, não importa se forem imigrantes ou residentes nacionais", reflete.

O *barman* mudou de país com a família. O pai foi aprovado em um concurso público em Portugal – oportunidade que também viu como uma maneira de "dar uma melhor qualidade de vida" para Luis Felipe e a irmã, que também mora em Lisboa. Ele elogia a qualidade dos estudos nas escolas e universidades portuguesas.

Nas próximas cinco décadas, o jovem brasileiro considera importante que haja uma maior integração, principalmente entre as diferentes gerações e nacionalidades que convivem no país. "O que precisa mudar é a visão e mentalidade dos mais velhos relativamente à nova geração e principalmente aos imigrantes", defende. O *barman* considera Portugal um bom país para os jovens, mas que poderia ser melhor caso não houvesse o "julgamento dos mais velhos".

Outra preocupação de Luís – e também um desejo para o futuro – é o investimento em educação e formação de professores. "É importante ter mais investimento nas áreas de estudos, principalmente na profissão de professores, para termos mais profissionais em suas áreas", explica.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

NUNO VEIGA/LUSA

A *Bula*, que transportou Marcello Caetano do Quartel do Carmo para a Pontinha vai participar nesta recriação.

Viaturas militares na rua tal como há 50 anos

RECORDAR 14 viaturas militares restauradas vão recriar nos próximos dias a *Operação Fim de Regime*, que há meio século permitiu derrubar a ditadura, desde Santarém até Lisboa e de novo até Santarém. É um dos destaques das muitas cerimónias e eventos para assinalar a efeméride.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

A *Bula*, a chaimite que transportou Marcello Caetano do Quartel do Carmo para a Pontinha na sequência do 25 de Abril é a mais emblemática, mas no total serão 14 as viaturas militares que nos próximos dias vão fazer a recriação histórica do percurso da coluna militar que levou à queda da ditadura há 50 anos, desde Santarém até Lisboa e depois de novo até Santarém.

Trata-se de um dos momentos mais simbólicos das comemorações oficiais do 50.º aniversário do 25 de Abril a que a população pode assistir à medida que este se vai desenrolando (*ver horários nesta página*). "Esta iniciativa está relacionada com a questão dos heróis anónimos. É um reconhecer da importância que alguns militares tiveram, em particular o Salgueiro Maia, na mudança do regime", comentou à Lusa Nuno Domingos, vereador da Cultura da Câmara Municipal de Santarém.

Estas colunas serão constituídas por militares da Escola Prática de Cavalaria no 25 de Abril de 1974, transportados em viaturas militares da época. Está prevista, no total, a participação de cerca de 100 antigos militares, viaturas blindadas Panhard EBR, Panhard AML, Humber MKIV, Chaimite V200, viaturas de transporte de tropas Berliet Tramagal, Unimog 404, Ambulância VW, viatura de comando Jeep CJ6 e o Ford Escort civil que seguia à frente da coluna, em reconhecimento.

Uma recriação só possível graças ao trabalho "muito complexo" de recuperação das viaturas que tem vindo a ser desenvolvido pela Associação Portuguesa dos Veículos Militares Antigos. "A mais emblemática é, sem dúvida, a chaimite *Bula* que só foi beneficiada por nós porque o Exército sempre a manteve em condições, deu algum trabalho com a motorização, por outras razões como qualquer automóvel tem problemas e tem avarias", explicou José Manuel Alves, presidente desta associação, em declarações à Lusa.

Considerada "uma estrela" no Museu Militar de Elvas, onde está há seis anos, a chaimite Bula sai à rua regularmente todos os anos para as comemorações do 25 de Abril.

Onde ver esta recriação histórica:

Dia 24

22.30 – Partida da coluna militar da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, transportando militares que, há 50 anos, participaram nas operações.

Dia 25

9.40 até 12.00 – Terreiro do Paço, em Lisboa. Os veículos participam nas cerimónias oficiais.

12.00 – Inicia-se a marcha em direção ao Quartel do Carmo passando pelo Rossio, subindo a Rua do Carmo e a Rua do Sacramento. As viaturas ficam em exposição no Largo do Carmo até às 16h00. Neste dia, o Quartel do Carmo está aberto ao público.

16.00 - A coluna militar inicia o percurso até ao Quartel da Pontinha (Regimento de Engenharia 1), encenando o transporte do Presidente do Conselho deposto, Marcello Caetano.

Dia 27

11.00 até 12.00 - Regresso da coluna da Escola Prática de Cavalaria a Santarém, ao largo da Câmara Municipal de Santarém.

OUTRAS INICIATIVAS

Dia 24

Lisboa – Entre as 22.00 e as 23.00 horas, na Praça do Comércio, decorrerá o espetáculo Uma ideia de futuro e será projetado o *video mapping* 25 de Abril, Quinta-feira. Neste espetáculo audiovisual, com entrada livre, sobem ao palco seis jovens, que traçam um retrato do Portugal de hoje e mostram o caminho percorrido, e 180 músicos, que vão construindo a banda sonora composta a partir de canções de José Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho, Fausto, Adriano Correia de Oliveira, Fernando Lopes Graça e Carlos Paredes. Na parte final, juntam-se ao elenco vários convidados para a interpretação da canção *Abril é Sempre Primavera*, com letra de José Luís Peixoto e música de Luís Varatojo e Filipe Raposo. À meia-noite, um espetáculo piromusical e uma surpresa final iluminarão o céu sobre o rio Tejo.

Santarém – Às 21.00, a Escola Prática de Cavalaria é palco da projeção do v*ideo mapping* 25 de Abril, Quinta-feira, com fotografias de Alfredo Cunha e banda sonora de Rodrigo Leão. Às 21.30, nesse mesmo local, tem lugar a peça de teatro *Esta é a Madrugada que eu Esperava*, espetáculo encenado por Rita Lello e texto do Coronel Correia Bernardo, um dos capitães envolvidos no Movimento das Forças Armadas.

Porto – A partir das 22.00, decorre na Avenida dos Aliados, a projeção do *video mapping* 25 de Abril, Quinta-feira. Segue-se o concerto Aliados à Liberdade, com direção cénica de João Branco e com a participação dos Canto Nono, Vozes da Rádio e o Coral de Letras da Universidade do Porto. Combinando as vozes com a poesia, em palco estarão também Pedro Lamares e Odete Mosso. Este espetáculo terminará com o cantar do *Grândola Vila Morena* e um espetáculo de fogo de artifício.

Dia 25

Lisboa – Às 9.00, terá lugar, na Praça do Comércio, a cerimónia militar evocativa dos 50 anos do 25 Abril, presidida pelo Presidente da Repú-

blica, Marcelo Rebelo de Sousa, e com a participação de 1100 militares dos três ramos das Forças Armadas. Às 11.30, arranca na Assembleia da República, a Cerimónia Solene dos 50 anos do 25 de Abril. Para as 15.00 está agendado o início, no Marquês de Pombal, do tradicional desfile pela Avenida da Liberdade. Às 18.30 serão apresentadas, na Cinemateca Portuguesa, as primeiras imagens recolhidas no âmbito da Campanha Filmou o 25 de Abril?, que terá permitido identificar imagens amadoras inéditas sobre a revolução. A entrada é livre, mediante levantamento de bilhete 30 minutos antes da sessão.

Porto – A partir das 10.00 horas, há jogos tradicionais e atividades para toda a família, a decorrer na Praça do General Humberto Delgado. Às 14.30, antes do habitual Desfile da Liberdade, irá decorrer uma homenagem aos resistentes antifascistas no Largo Soares dos Reis (junto à ex-sede da PIDE). A partir das 15.00, os Aliados assistirão ao concerto Comemorar os 50 anos do Dia da Liberdade, no qual será interpretada uma seleção de várias músicas de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Fernando Tordo, Paulo Carvalho, entre outros. Logo depois, pelas 16.15, um concerto com o projeto Cara de Espelho, que resulta do encontro de alguns dos nomes da música portuguesa, como os Deolinda, Ornatos Violeta, Gaiteiros de Lisboa, A Naifa, Humanos, entre outros.

Santarém – O Jardim da República vai estar em festa num evento que conta com a participação de vários agentes culturais do concelho, entre as 10.30 e as 16.45. Às 11.00, realiza-se a cerimónia Cravos para Salgueiro Maia e às 12.30 dá-se a inauguração de um painel de arte urbana da autoria de Pedrita Studio. Às 17.30, na Igreja da Graça, um encontro de Coros comemorativo do 25 de Abril.

Amadora – A obra *Honrar quem Trabalha*, da autoria de Vhils, vai ser inaugurada na fachada do edifício dos Paços do Concelho às 9.30. Trata-se de um mural composto por mais de 4.000 azulejos que presta homenagem ao trabalho de Alfredo Cunha.

Oeiras – Às 17.00 horas será inaugurado o painel *Passeio da Democracia*, no Passeio Marítimo de Oeiras, uma obra que inclui momentos históricos entre o 25 de abril de 1974 e o 25 de novembro de 1976, interpretados e apresentados pelo olhar de diversos artistas. Às 21.30 arranca um concerto de Pedro Abrunhosa no Jardim Municipal de Oeiras.

Barreiro – Às 11.00 horas, no Espaço Memória, haverá um Concerto com o Trio Paula Sousa, André Rosinha e Beatriz Nunes. Pelas 11.00, o Convento da Madre de Deus da Verderena acolhe a Oficina – "Liberdade, Liberdade", de "Sonhar Acordados".

Sintra – As Canções que Fizeram a Revolução é o nome do espetáculo que sobe ao palco do Centro Cultural Olga Cadaval, pela Orquestra Municipal de Sintra D. Fernando II, com um reportório consagrado a Zeca Afonso.

Cascais – Entre as 10.00 e as 13.00 horas realiza-se um desfile de Bandas Filarmónicas, na Baía de Cascais. Às 11.00 e às 15.30, apresenta-se a peça *A Liberdade saiu à rua*, na Casa das Histórias Paula Rego, e às 21.00, no Auditório do Casino Estoril, há apresentação da peça *A Noite*.

Loures – *Acordai!* é o título do espetáculo de entrada livre que será apresentado no Pavilhão Paz e Amizade, em Loures, pela orquestra Metropolitana de Lisboa, Coro Participativo, Conservatório de Artes de Loures e CoraLiCiMus – Coral dos Alunos da Licenciatura em Ciências Musicais da Nova FCSH.

NUNO VEIGA/LUSA

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Marcelo tem pedido um diálogo "muito mais apurado e muito mais exigente".

Os avisos e reparos de Marcelo Rebelo de Sousa

ALERTAS A intervenção do Presidente não se afastará das mais recentes. Na tomada de posse do Governo, por exemplo, deixou este aviso: "Onde não temos problemas não os devemos criar."

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O discurso que Marcelo Rebelo de Sousa fará este ano na sessão solene (marcada para amanhã a partir das 11.30 no Parlamento) não deixará de fora os alertas e avisos alinhados com outras intervenções recentes.

Estas ressalvas têm-se, aliás, repetido nos discursos do Presidente da República nas sessões solenes do 25 de Abril. O de amanhã será o nono desde que fará desde que foi eleito Presidente da República, em 2016.

Nesse ano, deixava os primeiros conselhos. Portugal tinha de fazer mais. "Cuidar mais da língua, valorizar mais a cultura" de um país que devia ser "muito mais corajoso não só a recuperar a classe média ou a alimentar a circulação social, mas também a combater as assimetrias e a pobreza que nos deve envergonhar". E pedia união "no essencial" não negando com isso "a riqueza do confronto democrático".

No último 25 de Abril – marcado pela visita de Lula da Silva e consequente protesto do Chega no hemiciclo –, Marcelo falava nos anseios do povo, de "melhor democracia" e "mais crescimento". Bem como "mais igualdade, mais justiça social, melhor educação, melhor saúde, melhor habitação, melhor solidariedade social, mais ambiente, visão intergeracional, papel da mulher, desempenho de jovens e de setores excluídos ou ignorados na sociedade".

Numa das intervenções mais recentes que fez (nas comemorações do Dia do Combatente, a 7 de abril), Marcelo Rebelo de Sousa alertou para a necessidade de não "desbaratar um momento irrepetível", ligado aos Fundos Europeus, com um horizonte curto: 2025, que, erradamente pode parecer distante.

E deixou ainda repetidos alertas ao estado das Forças Armadas. Forças fortes "são navios, aviões e blindados, mas são, sobretudo, quem os navega, os pilota e os conduz, e que ou têm estatuto condigno para serem militares e se manterem militares ou se pode desbaratar um momento irrepetível na nossa História".

> **No primeiro discurso que fez enquanto PR num 25 de Abril, Marcelo pedia que se fizesse mais. O tom tem-se mantido desde então.**

Desde que foi eleito Presidente pela primeira vez, Marcelo não tem esquecido as Forças Armadas nas intervenções. Logo nesse ano dizia que era necessário "dignificar, reforçar e conferir" capacidades de afirmação ao setor.

E na tomada de posse do Governo de Montenegro, mais um aviso: o de que se adivinha um cenário "complexo" para governar, com um cenário internacional que "pode piorar". Frisou ainda que o tempo para fazer as reformas necessárias e para executar fundos comunitários "é muito longo em teoria", mas, para cumprir o que é "muito urgente" e o que foi "prometido em campanha" é, afinal, "muito curto". "Onde não temos problemas não os devemos criar, como no consenso sobre mais crescimento, investimento e exportações, no equilíbrio da contas públicas, na atenção à dívida externa, pública e privada, no aproveitamento das vantagens da segurança e certezas nacionais perante a insegurança e incerteza internacionais".

Com **ARTUR CASSIANO**

Deputado social-democrata diz que só agora é que o PS se lembrou de baixar o IRS.

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

IRS: PSD não sabe se vai chumbar "exercício de oportunismo" do PS

IMPOSTOS Consenso entre Governo e PS é baixar o IRS, mas em proporções diferentes. Ao DN, o deputado do PSD Hugo Carneiro acusa todos os partidos de irem atrás da proposta da AD.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A proposta de lei do PS para baixar as taxas do IRS concentra as maiores descidas entre os 2.º e 4.º escalões. A líder parlamentar socialista, Alexandra Leitão, assegurou ontem que esta proposta significa uma utilização "mais justa" da folga de 348 milhões de euros que o Governo tinha referido para justificar esta redução fiscal, e que, por isso mesmo, "tem mais justiça fiscal, é mais redistributiva e chega a mais gente".

Ao DN, o deputado do PSD Hugo Carneiro não hesitou em classificar a proposta socialista como "um exercício de oportunismo", apesar de ainda não afirmar se a posição do partido face à missiva do PS será de aprovação ou de chumbo.

Alexandra Leitão começou por lembrar, em conferência de imprensa, que "o Governo definiu 348 milhões de euros" como margem orçamental para proceder a esta redução, e que o PS propõe manter. "O que nós aqui estamos a fazer é uma redistribuição para que, entre 1000 e 2500 euros seja o maior ganho. Mas até há ganhos entre os 2500 e os 6500 euros em relação àquilo que está em vigor. Há é ganhos menores", acrescentou a deputada.

A proposta socialista dá como exemplo o caso de "um contribuinte sem filhos e com rendimento de 1 000 euros por mês". "Teria, com a proposta do Governo, um aumento do rendimento líquido na ordem dos 26 euros por ano, ou seja, menos de 1,9 euros por mês. Com a proposta do PS, o rendimento desse contribuinte aumenta duas vezes mais, ou seja, tem um aumento acima dos 55 euros por ano."

Questionado pelo DN sobre se a proposta do PS é mais ambiciosa do que a do Governo, Hugo Carneiro rejeitou esta leitura. "Não é mais ambiciosa a proposta do PS. É o exercício do oportunismo, porque eles tinham o poder até há menos de um mês atrás e não se lembraram nunca de apresentar essa proposta. Agora, que estão na oposição, é que se lembraram".

O deputado do PSD estende esta ideia aos restantes partidos com assento parlamentar. "O facto de o Governo em Portugal ter mudado e a AD ter ganho significa mesmo que os impostos vão baixar. Tanto assim é que os outros partidos todos vieram atrás."

2000

IRS PS afirma que a sua proposta, no caso de um casal com dois filhos e que ganhe 2000 euros por mês, implicará uma poupança de 160 euros/ano, enquanto que a do Governo só permite poupar 80 euros.

Sobre a proposta do PS, Hugo Carneiro compara-a com as decisões em torno das ex-SCUT (autoestradas sem custos para o utilizador).

"Durante anos, o Parlamento andou a aprovar isenções de portagens nas ex-SCUT ou a aplicação dos descontos. O PS nunca cumpriu plenamente as deliberações do Parlamento, nomeadamente quando não tinha maioria, e agora vieram propor a isenção das portagens nas ex-SCUT. É um exercício puro de oportunismo", insistiu.

Alexandra Leitão sublinhou que a proposta do PS para o IRS traz mais alívio fiscal nos "rendimentos dos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º escalões", enquanto faz "alívios menores nos 6.º e 7.º escalões", com o objetivo de "chegar a mais pessoas e a pessoas com rendimentos que não são só os mais baixos".

Por este motivo, a deputada ainda acusou o Governo de vir "defraudar as expectativas criadas pela própria AD durante a campanha", considerando que a margem definida pelo Executivo "fica muito aquém do alcance das medidas tomadas pelo Governo PS no OE2024".

Perante esta disputa entre os dois principais partidos, André Ventura admitiu que há o "risco" do seu partido votar contra a proposta do Governo. Por oposição, foi até mais longe e admitiu a possibilidade de haver um voto favorável do Chega à proposta do PS, "se for positiva".

"Neste momento admitimos tudo, porque queremos é baixar os impostos", afirmou o líder do Chega, sugerindo que os portugueses não querem saber quem é que avança as propostas.

André Ventura considerou até "bizarro e caricato que a proposta do Chega e do PS tenham mais objetivos em comum do que a proposta do Governo da AD". Para o líder do Chega, tanto o seu partido como o PS têm como objetivo "reduzir os impostos sobre quem ganha menos", enquanto o Governo "parece ir no sentido contrário, de querer beneficiar os que ganham mais".

"E eu quero deixar bem claro ao Governo: não há nada que nos prenda", afirmou André Ventura. "Se nós sentirmos que há uma proposta que baixa mais os impostos, viabilizaremos essa também", acrescentou.

O líder do Chega pediu a Luís Montenegro que "desça do pedestal e perceba que tem de negociar e que a direita chegue a uma proposta para baixar os impostos aos que ganham menos, e não aos que ganham mais".

AR vota Programa de Estabilidade

Depois das tentativas de rejeitar o Programa do Governo, Bloco de Esquerda e PCP veem hoje as suas moções de rejeição ao Programa de Estabilidade (PE), também do Governo, a serem escrutinadas na Assembleia da República. Por parte da bancada comunista, a justificação para esta opção está assente na perspetiva do PE ser "uma peça na crescente limitação da política orçamental que a UE [União Europeia] tem vindo a impor e cuja substituição a curto prazo far-se-á por via de ainda maiores restrições à soberania nacional". No que diz respeito ao BE, "o Programa de Estabilidade traduz as perspetivas macroeconómicas e orçamentais do anterior Governo, constituindo-se assim como um elemento inútil ao debate político. Inútil, desde logo, porque oculta as opções políticas do Governo recentemente eleito". Apesar destas duas moções, no final da semana passada havia um total de seis propostas de alteração do PE.

PS apoia AD e trava Comissão de Inquérito à privatização da ANA

"A constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito nestes termos não permitiria o acompanhamento abrangente do tema, visto que o objeto será naturalmente fechado, não acautelando os debates presentes e futuros sobre a rede aeroportuária nacional, sendo que a sua constituição seria extemporânea". Esta foi a frase do socialista Hugo Costa que fechou as portas à Comissão de Inquérito à privatização da ANA proposta pelo PCP e que tinha o apoio dos restantes partidos, à exceção de PSD e CDS

Hugo Costa afirmou que o PS sempre criticou essa privatização e até destacou que o relatório do Tribunal de Contas (TdC) "é demolidor ao concluir que a privatização não serviu os interesses públicos", mas o tema deve ser "debatido e enquadrado de modo mais abrangente", manifestando-se disponível para, no seio da comissão parlamentar de Economia, aprovar e realizar todas as audições sobre o tema.

O PCP quer que Passos Coelho, Vítor Gaspar, Álvaro Santos Pereira e Sérgio Monteiro expliquem o "valor de uma venda" e de um negócio que pode ser crime, na apreciação dos comunistas, e cujos "contornos concretos da privatização foram completamente escondidos do povo português e da própria Assembleia da República".

"O TdC [o relatório foi publicado na primeira semana de janeiro] demonstrou que a venda se realizou por 1127,1 milhões, quando o anúncio público foi de 3,08 mil milhões. E o TdC ainda denuncia que foram oferecidos à Vinci os dividendos de 2012 no valor de 71,4 milhões de euros, quando em 2012 a empresa era pública", exemplificou o PCP.

António Filipe considerou "surpreendente" a "convergência de votos entre o PS e o PSD para impedir a realização de uma Comissão de Inquérito". Paulo Raimundo já deixou um aviso: o PCP "não vai largar esta matéria" e "fará tudo o que estiver ao seu alcance para pressionar quem não permitir que esta iniciativa vá para a frente e para clarificar o mais possível os acontecimentos". **AC**

Moreira invoca Marcelo para explicar recusa a Montenegro

"Até o Presidente da República me veio dizer que esta semana ia ser muito importante para mim, como quem diz: vai ser o cabeça de lista!" E assim revelou que Marcelo Rebelo de Sousa já saberia da sua escolha, e da certeza que seria cabeça de listas às eleições Europeias pela AD.

Rui Moreira, que acusa o PSD de ter feito crescer na opinião pública e também junto dele a certeza de seria o número um, relatou, em declarações à SIC, que recebeu um telefone de Montenegro, na quinta-feira passada, para uma conversa sobre as europeias, mas que só no domingo à noite é que falaram. E aí, relata, foi convidado para número dois. "Sou presidente da Câmara do Porto. Por mim e pelo cargo que ocupo, nunca aceitaria, seja o Bugalho ou outro qualquer", afirmou.

Depois da conversa, logo nesse domingo, diz ter enviado uma mensagem com a recusa, mas, assegura, Montenegro voltou a ligar-lhe na segunda-feira com nova proposta: "Perguntou-me, imagine-se, se não queria ser mandatário".

Contrariando a tese de Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, de que Bugalho foi "a escolha única", Moreira responde que "agora podem dizer o quiserem mas tenho testemunhas, tinha uma pessoa ao meu lado no carro, que todo o país conhece, e que ouviu a conversa toda" com Luís Montenegro.

"Foi a escolha única do presidente do partido e tudo o resto tem sido efabulação que a comunicação social tem feito", disse Hugo Soares.

Ora, precisamente nesse domingo, Marques Mendes no seu comentário semanal na SIC dava a garantia: Moreira era o número um da AD às europeias.

E o próprio Rui Moreira, também no domingo, [falta saber se antes ou depois do citado telefonema] no seu espaço de comentário na CNN Portugal dava a entender a sua escolha ao dizer que "a questão da Europa é uma coisa que me interessa e que principalmente me preocupa (…) e por isso, confesso também, sem rebuço que é um projeto que, de alguma maneira, me atrai".

O "sem rebuço" ter-se-á quebrado em definitivo da segunda-feira. Ontem à tarde, Moreira dizia não sentir "desconforto" e que Bugalho, tal como Marta Temido, são "bons candidatos". **AC**

Opinião
Filipe Froes & Patricia Akester

Portugal dos Granditos

"Um país desenvolvido não é um lugar onde os pobres têm carro. É onde os ricos utilizam os transportes públicos."
(**Gustavo Petro**, economista e atual presidente da Colômbia)

A História ensinou-nos que Portugal e os portugueses viveram períodos de enorme progresso e que foram pioneiros na navegação e exploração marítimas e na descoberta de novos mundos. Já fomos grandes e maiores do que somos hoje e soubemos, então, conjugar as circunstâncias com as nossas especificidades para criar o valor que nos catapultou para os lugares cimeiros do desenvolvimento mundial.

Os tempos mudaram, tendo a nossa ambição de se adaptar ao contexto presente, contudo o objectivo deve permanecer centrado na criação de valor e de grandeza. Seguem algumas observações e sugestões para atingirmos esse caminho, que tem tanto de desejado, como de demorado.

O que faz um país ser grande?
A primeira questão é precisamente o que faz um país ser grande. Um país desenvolvido com um elevado nível de riqueza, bem-estar e segurança, onde as pessoas se sintam realizadas e gostem de viver. Embora todos os países do G7, que reúne os 7 países mais industrializados do mundo, sejam maiores do que Portugal, a área e o número de habitantes de um país não são, por si, indicadores de desenvolvimento. Por exemplo, a Bélgica, a Dinamarca, a Irlanda, os Países-Baixos e a Suíça são mais pequenos do que nós, mas produzem mais riqueza (https://www.worldometers.info/gdp/gdp-per-capita/). É que a grandeza de um país tem a ver com o valor que constrói e que se traduz no desenvolvimento, riqueza e bem-estar dos seus habitantes.

As lições advindas da União Europeia
Como Estado-membro de pleno direito da União Europeia (UE), Portugal tem beneficiado de uma estabilidade política e económica ímpar, bem como de extensos programas de investimento e financiamento. Mas a integração na UE comporta, igualmente, a vantagem de poder analisar os diferentes modelos de organização política, social e económica dos outros países e os benefícios da sua possível aplicabilidade. Por exemplo, modelos de representatividade política, de organização da sociedade, de funcionamento dos Sistemas de Saúde, Ensino e Justiça, medidas de fiscalidade, de mobilidade e combate à corrupção, etc. A UE é um autêntico laboratório de experiências no mundo real que não pode ser desvalorizado, permitindo-nos a comparação permanente no sentido da autocrítica construtiva e da aprendizagem.

Lição n.º 1 – O Orçamento do Estado é o dinheiro de todos nós
Nada é gratuito. Seja na Saúde, no Ensino, na Justiça ou em áreas mais vulgares da nossa vida em comum (como portagens, subsídios, isenções, deduções e incentivos), tudo tem um custo. E quando não é o próprio a suportar esse custo, é o Estado que o faz através do seu Orçamento, através da grande fonte de receita que se traduz na carga fiscal. Ou seja, quando o Estado financia, somos nós que financiamos através do dinheiro proveniente dos impostos de que somos alvo. Aqui é de notar que os países mais ricos não são aqueles que gastam mais, mas aqueles que gerem melhor e poupam mais. O que se gasta numa opção deixa de estar disponível para outras escolhas.

Lição n.º 2 – O investimento no Ensino, na Saúde e na Justiça
Não é possível um país e uma sociedade criarem riqueza e valor sem elevados níveis de formação e diferenciação, sem pessoas saudáveis e motivadas e sem um Sistema de Justiça que intervenha em tempo útil. Veja-se o impacto da escola náutica, supostamente em Sagres, fundada pelo Infante D. Henrique no século XV, no período áureo de Portugal.

Lição n.º 3 – O regresso ao Mar
O mar faz parte da nossa identidade nacional. Foi o mar que nos deu glória e desenvolvimento e que nos permitiu crescer e ser maiores do que a terra. O regresso ao mar e a exploração da nossa Zona Económica Exclusiva de quase 2 milhões de Km² de recursos oceânicos, sol e vento, são essenciais para o desenvolvimento científico, social e económico e para a sustentabilidade energética, alimentar, hídrica e ambiental. Para sermos grandes temos de reencontrar a nossa identidade e voltar a depender só de nós. O mar dá-nos essa oportunidade!

Conclusões
A História de Portugal ensina resiliência e inovação, evidenciada pelos tempos de grandeza aquando da navegação e da exploração marítimas. A actualidade desafia-nos a adaptar essa herança ao contexto moderno, focando-nos na criação de valor e no desenvolvimento sustentável para reafirmar da nossa posição no mundo. Aproveitemos a ocasião para lembrar as sábias palavras do Padre António Vieira: "Nós somos o que fazemos. O que não se faz não existe. Portanto, só existimos quando fazemos. Nos dias que não fazemos, apenas duramos."

***Nota:** Os autores não escrevem de acordo com o novo acordo ortográfico.*

Filipe Froes é Pneumologista, Ex-Coordenador do Gabinete de Crise para a covid-19 da Ordem dos Médicos e Membro do Conselho Nacional de Saúde Pública.

Patricia Akester é fundadora de GPI/IPO, Gabinete de Jurisconsultoria e Associate de CIPIL, University of Cambridge

Opinião
Pedro Tadeu

Estou a ver o fim do 25 de Abril?

A primeira liberdade que há 50 anos o Movimento das Forças Armadas trouxe aos portugueses foi a liberdade de expressão. O que é a liberdade de expressão? É a liberdade de dizer, a liberdade de discordar, a liberdade de criticar, a liberdade de apoiar, a liberdade de escrever, a liberdade de publicar, a liberdade de ler, a liberdade de ouvir, a liberdade de ver, a liberdade de divulgar, a liberdade de propagandear, a liberdade de ajuizar, a liberdade de duvidar, a liberdade de gracejar, a liberdade de escarnecer.

A liberdade de expressão é a liberdade da circulação das ideias, das mais parvas às mais inteligentes, das mais profundas às mais inconsequentes, das mais revolucionárias às mais reacionárias, das mais humanas às mais selvagens.

Este foi um direito que a população, concentrada frente ao Quartel do Carmo, à espera da rendição do ditador Marcello Caetano, decretou com efeitos imediatos logo nesse dia 25 de Abril de 1974 e que depois o país referendou na semana seguinte, no dia 1 de Maio, com a maior manifestação política alguma vez ocorrida neste país, celebrando-a por toda a parte com gritos comocionados: "Viva, viva a liberdade!".

Tudo o que se passou depois decorreu da utilização dessa liberdade de expressão e a sociedade portuguesa que construímos ao longo destes 50 anos, com os seus imensos defeitos e as suas evidentes virtudes, resultou da sobrevivência do debate político suportado no princípio da superioridade da liberdade de expressão: a liberdade de expressão foi a maior de todas as conquistas de Abril.

No dia 25 de Abril de 1974 eu era uma criança com 10 anos de idade, filho de uma família que não falava de política. Apesar disso, a lembrança que tenho desse dia é detalhada e permanente. A razão é esta: os adultos, todos os adultos à minha volta mudaram instantaneamente, numa transformação tão drástica, tão rápida e tão evidente que ficou impressa a tinta indelével na minha memória infantil. Porquê? Porque os adultos, de repente, falavam livremente, com desenvoltura, com atrevimento, com assertividade e, mesmo não percebendo muito bem sobre o que falavam, até uma criança como eu entendia que havia um "antes" e um "depois" daquele dia e percebia que o "depois" era emancipador e o "antes" era opressor.

Talvez seja por isso que, 50 anos depois, ao ver multiplicarem-se agressões à liberdade de expressão, algumas delas entretanto institucionalizadas ou oficiosamente aceites pelo poder político e económico, sinto cada uma delas como uma autêntica agressão pessoal.

É a liberdade de expressão que me dá o direito e o instrumento para combater e criticar todas a ideias que eu acho negativas neste mundo e é, por outro lado, a liberdade de expressão que me dá o direito de tentar convencer os outros da bondade das minhas ideias.

Mas aceitar a liberdade de expressão impede-me de proibir a manifestação das ideias dos outros, caso contrário terei de aceitar que os outros possam proibir a exposição das minhas ideias.

Quando a Alemanha proíbe e criminaliza uma conferência que o antigo ministro grego Yannis Varoufakis ia dar em Berlim sobre a questão palestiniana; quando vários artistas e académicos são penalizados, cancelados, nos EUA e na Europa Ocidental, por terem posições políticas críticas à NATO ou a Israel; quando jornalistas de países ditos democráticos são perseguidos e presos por reportarem o "lado errado" dos conflitos; quando se lançam antigos livros e filmes, clássicos, "limpos" de vocabulário ofensivo; quando a coberto da proteção contra as *fake news* se impediu a crítica aos confinamentos da covid-19 e aos efeitos secundários de vacinas pobremente testadas; quando se admitiu que o professor russo Vladimir Pliasso fosse despedido da Universidade de Coimbra por razões ideológicas; quando em vez de educarmos e combatermos socialmente a linguagem não inclusiva a tentamos impor à força, pela lei; quando nenhum político tenta reverter a decisão europeia de cancelar o canal russo RT; quando vejo o Facebook censurar durante uns dias a página de um partido que é meu inimigo político, o Chega (apesar de, talvez, esse partido gostasse de limitar a minha liberdade de expressão); quando vejo, também em Portugal, multiplicarem-se todos estes movimentos, à esquerda e à direita, de limitação da liberdade de expressão vejo, simultaneamente, a aproximação do fim de uma ideia essencial do 25 de Abril que agora celebramos, vejo o fim da liberdade de expressão, vejo o fim de uma grata memória de infância, vejo o fim de toda uma conceção social de boa parte das nossas vidas.

Jornalista

Opinião
Jorge Costa Oliveira

O fim do secularismo na Índia?

Desde a Era de Ashoka (250 a.C.), com interregnos durante a Era Mugal, existiu liberdade religiosa e separação entre o Estado e as organizações religiosas nesse enorme mosaico multiétnico e multicultural que é a Índia. A Constituição da Índia consagra o secularismo (de forma expressa desde 1976). Pode discutir-se se a densificação do secularismo na Índia é idêntica à prevalecente no Ocidente, mas parece claro que implica o tratamento da religião como uma matéria totalmente privada, separada do Estado e da sua organização política.

Não obstante, a ascensão dos movimentos nacionalistas hindus, em especial a conquista do poder na República da Índia e em muitos estados da federação pelo Partido *Bharatiya Janata* (BJP), tem provocado uma cada vez maior clivagem entre comunidades indianas com base na religião.

O "nacionalismo religioso" hindu tem origem no conceito de *Hindutva* de VD Savarkar – que levou à criação (em 1925) da Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS) – que concebia a Índia / *Bharat* como pátria (*matri bhoomi*) e como "terra sagrada" (*punyabhoomi*) hindu, uma nação exclusivamente hindu onde cristãos, muçulmanos e seguidores de outras religiões (no total, 20% da população da Índia) não teriam lugar.

Nos anos 30 do século passado. Um dos primeiros líderes da RSS, MS Golwalkar, organizou o movimento tomando como modelo a organização paramilitar de Mussolini e bebeu as opiniões dos fascistas europeus sobre as minorias, tendo afirmado que a "Solução Final" na Alemanha nazi era um modelo de como a Índia deveria tratar os seus grupos minoritários.

O BJP é um produto do RSS, tendo ascendido ao poder federal (em coligação) em 1998. Mas só quando alcança a maioria absoluta (em 2014), sob a liderança de Modi – um militante do RSS desde tenra idade, tendo-se tornado um *pracharak* (organizador) do grupo, sendo (em 2001) eleito ministro-chefe do Estado indiano de Gujarat – começa a executar a ideologia do RSS, adotando um *apartheid* de base religiosa, com legislação que relega os muçulmanos (200 milhões na Índia) a um estatuto de 2.ª classe e aprovando leis que podem privar muitos muçulmanos da sua cidadania.

Os estados controlados pelo BJP têm aprovado leis que tornam difícil o casamento entre hindus e muçulmanos, a conversão ao Islão, a compra de propriedades por muçulmanos em áreas dominadas pelos hindus, procurando fazer com que a plena cidadania dependa de se ser hindu. Muitas das disposições destas leis também afetam os cristãos. E, da mesma forma que, durante a chefia do Governo Estadual por Modi, a polícia de Gujarat tinha fechado os olhos a *pogroms* onde centenas de muçulmanos foram mortos, também as autoridades federais têm permitido vagas de perseguição com base numa mescla de ultranacionalismo e sectarismo religioso, sobretudo anti-islâmicas, bem como a propagação de milícias extremistas hindus, acusadas de atuar de forma similar às SA nazis.

Se, nas eleições nacionais em curso, o BJP (e aliados) reforçar a maioria na Câmara Baixa (*Lok Sabha*) e a alcançar na Câmara Alta (*Rajya Sabha*) do Parlamento da Índia, é bem possível que altere a Constituição e o secularismo deixe de ter força de lei na Índia, abrindo caminho para a marginalização de centenas de milhões de cidadãos indianos.

> **"Os Estados controlados pelo BJP têm aprovado leis que tornam difícil o casamento entre hindus e muçulmanos ou a conversão ao Islão (...)."**

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

Sindicatos dos médicos querem "negociação transparente" e "competente" com ministério

REUNIÕES Depois das associações de doentes e das ordens profissionais, chegou a vez da ministra da Saúde receber a classe médica. Os encontros estão agendados para dia 26. A Fnam leva um documento com dez pontos "fundamentais para resolver a crise no SNS". O SIM, propostas realizáveis a curto e médio prazo. Mas o que ambos esperam é que haja mesmo "vontade" para resolver os problemas.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

A nova ministra da Saúde, Ana Paula Martins, recebe na manhã de sexta-feira, dia 26, a Federação Nacional dos Médicos (Fnam) e o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) pela primeira vez. Na convocatória, o assunto explicitava tratar-se de uma reunião para "auscultação/negociação" e é isso mesmo que ambas as estruturas desejam, que desta reunião possa iniciar-se um processo negocial, "transparente", "competente" e "sem jogos de bastidores", argumenta ao DN a presidente da Fnam, Joana Bordalo e Sá, recordando que "a forma de negociar da anterior tutela foi um problema e a forma é importante". "Vamos de boa fé e esperamos mesmo que se inicie um processo negocial, mas não sabemos se isso acontecerá. Mas connosco a negociação tem de ser com tudo em cima da mesa, não pode haver reuniões sem atas", argumenta.

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Ana Paula Martins começa a receber os sindicatos das classes profisisonais na sexta-feira.

O processo negocial com o Governo do PS atingiu os 19 meses. Começou com a ministra Marta Temido em abril de 2022, tendo sido possível chegar a um protocolo negocial dois meses depois, mas em setembro desse anos as negociações são retomadas com a equipa de Manuel Pizarro, que as arrastou durante mais de um ano, terminando em dezembro de 2023, já com o Governo em regime de gestão, após a demissão de António Costa, com um acordo intercalar só com um dos sindicatos da classe, o SIM, mas que permitiu aumentos dos 12% aos 15% à classe.

Mas os dois sindicatos estão otimistas para esta primeira reunião. Ao DN, Joana Bordalo e Sá diz: "Vamos levar um conjunto de propostas, sendo que só uma diz respeito à questão remuneratória, todas as outras têm a ver com condições de trabalho que consideramos que podem atrair e fixar mais médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS)". Nuno Rodrigues, secretário-geral do SIM, também explicou: "Iremos levar propostas que podem ser realizáveis a curto e médio prazo, porque há problemas que têm de ser resolvidos já, que vêm de legislaturas anteriores em que não se chegou a acordo, e outros que consideramos que podem ser incluídos no Plano de Emergência para a Saúde, mas o nosso objetivo é que com estas propostas se aumente o acesso dos portugueses aos cuidados de saúde".

> "Tanto a Fnam como o SIM concordam que esta tutela tem de ter um tempo para analisar e negociar, mas não "é um tempo ilimitado", tem de "ser um tempo aceitável, até porque vem aí o verão e há problemas para resolver, como o das Urgências."

Para a Fnam há "10 pontos que são fundamentais para um entendimento com o Governo". O objetivo é resolver com "urgência a crise no SNS", renegociando a carreira médica e fixando médicos no SNS para assim "garantir a prestação de cuidados de saúde à população". E destes fazem parte "a reposição do período normal de trabalho semanal base de 35 horas e a atualização da grelha salarial", uma reivindicação que vem detrás e que Joana Bordalo e Sá defende que é uma "questão de justiça em relação a outros profissionais da Administração Pública". "Os médicos são os únicos que trabalham 40 horas normais, fora as horas extraordinárias que sabemos a que estamos sujeitos. Há muitos colegas que saem do SNS porque não aguentam estes horários. Por isso, este ponto é muito importante, temos a certeza que o regresso às 35 horas iria chamar mais médicos para o SNS". Outra questão que consideram importante e que, dizem, "não ter impacto orçamental" é a "reintegração do Internato Médico como categoria de ingresso na Carreira Médica". A presidente da Fnam diz mesmo que esta medida permitiria também que muitos dos especialistas não abandonassem o serviço público assim que se acabam de formar. Seguem-se outras como a "efetivação da progressão nas posições remuneratórias em cada categoria e agilização dos concursos; a reposição dos 25 dias úteis de férias por ano e dos 5 dias suplementares de férias, se gozadas fora da época alta; a possibilidade de aposentação ou reforma antecipada dos médicos com 36 anos de serviço ou aos 62 anos de idade sem penalizações, atendendo à penosidade, desgaste rápido e risco da profissão médica; o trabalho normal em Serviço de Urgência de um período semanal único no máximo até 12 horas". E ainda a garantia que "a atual lista de utentes por médico de família será ponderada e cumprida, de um limite máximo de 1917 unidades ou 1550 utentes, dependendo do que se atingir primeiro".

A Fnam considera também como fundamental "a revogação dos diplomas das Unidades Locais de Saúde (ULS), Dedicação Plena e respetivos anexos das USF e CRI", que foram aprovados em setembro passado sem o acordo dos sindicatos. Por fim, e como já havia anunciado, esta estrutura sindical defende igualmente "a autonomização do regime jurídico de organização e funcionamento das USF num diploma próprio com revogação imediata do Índice de Desempenho da Equipa e do Índice de Complexidade do Utente, das atividades específicas e da ponderação da lista por grupo etário".

Joana Bordalo e Sá reforça que "estas medidas são relativas às condições de trabalho e que para os médicos significam a possibilidade de conciliação entre a vida profissional e pessoal, bem como a valorização e progressão na carreira". Portanto, agora "está nas mãos do Governo e da nova ministra manifestar abertura para as acolher".

Nuno Rodrigues do SIM diz também que o que espera desta nova tutela "é que tenha vontade de resolver os problemas e capacidade de diálogo, conseguindo fazer valer as prioridades da Saúde dentro do Governo", acrescentando mesmo que "é preciso olhar para os resultados das eleições e perceber que os portugueses votaram da maneira que votaram por que certas questões que não estavam a funcionar e uma delas é o acesso à Saúde. Os números falam por si, temos 1,5 milhões utentes sem médico de família e as listas de espera".

Tanto a Fnam como o SIM concordam que esta tutela tem de ter um tempo para analisar e negociar, mas não "é um tempo ilimitado", tem de "ser um tempo aceitável, até porque vem aí o verão e há problemas para resolver, como o das Urgências", sublinha Joana Bordalo e Sá. "Continuamos com enorme falta de médicos e os constrangimentos não são uma situação normal nem expectável, não nos podemos habituar a isto. Têm de ser resolvidos", argumentou. Agora, "vamos ver qual é a abertura do outro lado para a discussão e resolução dos problemas", comentaram os representantes dos dois sindicatos ao DN.

anamafaldainacio@dn.pt

Mónica Ferro
"Ainda falta muito para cumprir abril nos direitos das mulheres"

IGUALDADE Diretora do Fundo das Nações Unidas para a População, Mónica Ferro foi secretária de Estado da Defesa no Governo de Passos Coelho e espera agora que este novo Executivo redesenhe as políticas sociais, embora num contexto "muito duro". Ativista dos direitos das mulheres, denuncia o que considera ser "uma certa obsessão em olhar para a mulher como criatura reprodutora", recusa qualquer retrocesso na questão do aborto livre e alerta para a "exploração da ansiedade demográfica" por parte de narrativas "muito populistas". Vai comemorar os 50 anos do 25 de Abril com a comunidade portuguesa em Londres.

ENTREVISTA **PAULA SOFIA LUZ**

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Está nas Nações Unidas desde 2017. Como é que isso aconteceu?
Eu trabalho para as Nações Unidas há sete anos. Quando estive deputada, em 2011, coordenei um grupo parlamentar, composto por deputados e deputadas de todos os partidos políticos, sobre população e desenvolvimento, que era o grupo que trabalhava com o Fundo das Nações Unidas para a População, na questão dos direitos sexuais e reprodutivos, na questão do empoderamento das mulheres. Portanto, há uma série de coisas no meu percurso que me tornaram muito sensível a estas matérias.
Muito sensível no sentido de ser tocada por elas, mas também querer trabalhá-las?
Sim, não é o ser sensível só por ficar chocada ou impactada por isto. Depois da minha passagem pelo Parlamento, da passagem pelo Governo, este lugar em Genebra abriu e eu candidatei-me. Passei por um processo de seleção relativamente longo e entrei.
O vosso lema é "contribuir para um mundo onde todas as gravidezes são desejadas, todos os partos são seguros e o potencial de todos os jovens é atingido". Acredita mesmo que é possível alcançá-lo, ou já estivemos mais perto?
Eu acho que é possível alcançá-lo, porque a verdade é que nós temos relatos de sucesso destes investimentos um pouco por todo o mundo. Aliás, o nosso próprio país, Portugal, é um exemplo de como investindo na saúde materna e investindo no acesso ao planeamento familiar como um direito constitucional – e eu destaco isto em todos os sítios em que tenho falado –, o investimento nestas matérias é verdadeiramente transformador. O que nós recuámos de mortalidade materna, o que nós empoderámos as mulheres para poderem continuar na escola, para poderem controlar a sua fertilidade...
Mas ainda assim o relatório que acabaram de divulgar na semana passada deixa alguns dados preocupantes...
O que nós viemos dizer este ano foi que, apesar de todos os sucessos, ou celebrando todos os sucessos, nós continuamos a ter um mundo profundamente desigual, em que aquelas pessoas que estavam mais para trás continuam sem serem abrangidas por estes progressos.

> *"Há pessoas que só se preocupam com as mulheres como reprodutoras, mas depois não querem discutir saúde menstrual, acesso à contraceção, não querem discutir menopausa, não querem discutir fertilidade assistida."*

Parece-lhe que, de certa maneira, essas pessoas que estavam mais para trás foram ainda mais 'empurradas' nos últimos anos?
Há uma parte do relatório em que usamos mesmo essa expressão. Nós, a comunidade internacional, não fomos capazes de desmontar de uma forma definitiva as barreiras do racismo, das discriminações relativas a várias identidades. Porque nós sabemos que todos os países têm disparidades no acesso à saúde. Que a riqueza, a etnia, o género e outros identificadores determinam muito a liberdade de escolha das pessoas e a liberdade de acesso aos cuidados de saúde. E sabemos também – e isso é uma coisa muito importante do relatório – que as disparidades dentro dos países são muito grandes. O que acho é que não devemos deixar que as boas médias nacionais mascarem as bolsas de desigualdade dentro dos países.
E quem é que ficou para trás?
Aqueles que já eram mais marginalizados. Os dados que libertámos na semana passada dizem-nos, por exemplo, que um quarto das mulheres não consegue dizer que não ao sexo com o seu marido ou companheiro, que quase uma em cada dez mulheres não tem escolha, se quer ou não, utilizar contracetivos... ainda assim, insisto: para mim, o melhor indicador de desenvolvimento é a mortalidade materna. Um país não pode dizer que é desenvolvido se não tiver trabalhado a questão da mortalidade materna. Porque das 800 mulheres que morrem todos os dias, cerca de 99% destas mortes eram evitáveis. E desde 2016 não há redução na mortalidade materna global. Por outro lado, sabemos que é por causa da etnia, da riqueza, do género e de outros identificadores que estes milhões de pessoas estão a ficar para trás.
E quando olha para os números, isso para si funciona como um choque de realidade difícil de gerir, ou, por outro lado, funciona como um maior impulso no seu trabalho?
Para mim é um estímulo. Porque o trabalho não está feito. Este é o primeiro relatório para o qual nós apresentamos tendências, porque uma coisa são os números, outra coisa são as tendências. E isso de que estava a falar é uma tendência. Como é também olhar para a mulher como criatura reprodutora. Há uma certa obsessão com isso. Há pessoas que só se preocupam com as mulheres como reprodutoras, mas depois não querem discutir saúde menstrual, acesso à contraceção, não querem discutir menopausa, não querem discutir fertilidade assistida.
E isso é válido para a maioria dos países?
É. Está em causa uma certa objetificação da mulher, mas sem querer discutir tudo o que isso significa. É, de facto, uma redução do nosso papel. Na semana passada, no lançamento do relatório, eu estava a falar com umas jovens e dizia-lhes 'só vocês podem provocar esta mudança. São vocês que vão pegar nestes dados e fazer disto uma causa'. E alguém me dizia, 'mas quando tu eras jovem, tu já achavas o mesmo?' E eu disse que não. A diferença é que eu tenho 52 anos e passei a minha juventude num período em que os direitos estavam a ser consolidados. Cada vez havia mais direitos, as conquistas iam aparecendo. Estas jovens agora, que têm 18 ou 19 anos, estão a ver os direitos a serem retirados e a serem questionados.
Olhando para a realidade portuguesa, estamos num momento em que quase nos parece encaminhar para um retrocesso. Também tem essa impressão?
O que eu assisto em muitas sociedades é que há uma grande ansiedade em torno dos temas da popu-

lação. Dos 70 processos eleitorais que o mundo tem este ano, em que 4 mil milhões de pessoas são chamadas a votar nos destinos dos seus países e comunidades, os temas da população são temas que geram muita ansiedade. Seja as questões da propriedade, seja as questões das migrações, seja a questão da sustentabilidade, da segurança social, as sociedades são todas mobilizadas em torno disso. E o que acontece é que muitas vezes nos aparecem narrativas muito simplistas, muito populistas – fáceis de entender – e que mobilizam as pessoas para soluções que são prometidas como sendo fáceis para problemas muito complexos. E nós sabemos que isso não é verdade. Mesmo esta grande preocupação, muito manipulada, que há um pouco toda a Europa em relação à baixa natalidade.

Porque é que diz isso?

Porque nós temos na Europa uma taxa de natalidade baixa há muitos anos. Abaixo daquele número técnico – que eu não subscrevo – que é a ideia de que cada casal deve ter 2.1 filhos. É uma espécie de ferramenta numérica, mas que não tem validade científica nenhuma. As pessoas devem ter o número de filhos que querem, ponto final. Inclusive nenhum, se essa for a sua opção. É muito fácil construir uma narrativa que diz que nós temos todos o mesmo caminho, temos todas as mesmas opções. E isto assenta em muita desinformação, no medo, na ideia de que vamos ser inundados por populações de outras origens. Portugal, por exemplo, foi sempre um país inclusivo, que acolhe com dignidade as pessoas que querem vir para aqui ter uma vida mais digna. Mas há agora uma exploração desta ansiedade demográfica, com o futuro do planeta, por parte de narrativas muito populistas.

Olhando de novo para Portugal, recentemente assistimos a um novo debate sobre o papel da mulher, a reboque do livro "Identidade e Família". Como é que recebeu essas 'notícias do meu país'?

"Dizer que a mulher nunca foi oprimida porque a mulher foi sempre a maioria é negar o conhecimento do que é a História da Humanidade."

É engraçado, eu tinha acabado de escrever um artigo dedicado à Maria Lamas, que fez aquela obra absolutamente extraordinária "As Mulheres do Meu País", em que eu dizia exatamente que os 50 anos de democracia eram 50 anos de investimento na libertação da mulher, no acesso à educação, no acesso ao planeamento familiar, à capacidade de controlarem a sua fertilidade, de ficarem na escola, de ter um emprego produtivo, de poderem participar na vida comunitária...

Mas já leu o livro?

Não li o livro todo, estou a ler aos bocadinhos. Mas acho que há excertos que resultam do exercício da liberdade de opinião dessas pessoas. Agora, há exercícios da liberdade de opinião que assentam mais uma vez numa visão estereotipada do que é a mulher. Dizer que a mulher nunca foi oprimida porque a mulher foi sempre a maioria é negar o conhecimento do que é a História da Humanidade. Nós na realidade temos famílias com várias configurações e com várias formas de exercer o amor. Porque o que funda uma família é o amor. E dessa liberdade resulta uma sociedade muito mais rica, muito mais livre para todas as pessoas.

Neste ano em que comemoramos exatamente 50 anos de liberdade, de democracia, há um outro tema que voltou à discussão: a legalização do aborto. Como é que encara que, mesmo que a coberto da liberdade de expressão, haja quem queira voltar atrás?

Um dos dados que nós vamos destacando é o progresso que os países fizeram no acesso ao aborto seguro. Na conferência do Cairo, em 1994, disse-se que, em primeiro lugar, o aborto não deve ser visto como método contracetivo, mas sim que quando é legal o aborto deve ser seguro. E o que os dados nos mostram é que nos países que despenalizaram, descriminalizaram e garantem o acesso ao aborto seguro, a mortalidade materna ficou reduzida a quase nada. Que a cobertura do acesso ao planeamento familiar se tornou um sucesso, portanto, a história da descriminalização da interrupção voluntária da gravidez é uma história de sucesso em termos de saúde pública e em termos de dignidade das mulheres. Portanto, qualquer retrocesso vai pôr em causa a saúde e os direitos dessas mulheres e dessas comunidades.

Quando olha para estes 50 anos que estamos a comemorar (e que são quase toda a sua vida), que grandes conquistas aponta na sociedade portuguesa para as mulheres, para os direitos das mulheres?

A educação, primeiro que tudo. É verdadeiramente transformador o que a educação fez pela possibilidade de participação das mulheres. A educação emancipa, autonomiza, dá solidez à voz das mulheres. A participação política (embora lamente que a participação política não seja ainda a que devia ser), a representação política das mulheres, que é algo, do ponto de vista pragmático, mas também do ponto de vista simbólico, muito importante. Embora lamente que a presença das mulheres nos cargos políticos ainda esteja abaixo da paridade.

É importante refletir sobre isso?

É preciso fazer leituras muito, muito finas, muito detalhadas, do que é que impede as mulheres de chegarem à paridade. E isso passa por reformas de vária ordem, nos partidos políticos, nos sistemas, e passa também por mostrar às mulheres que é possível e que é desejável a sua participação política. Além desses dois fatores, destaco também a autonomia das mulheres como resultado da sua atividade económica. No fundo, eu acho que estes 50 anos se confundem com a história da minha vida, mas confundem-se também com a história da autonomização das mulheres na sociedade portuguesa. Ainda falta muito para cumprir Abril na sua plenitude, para as mulheres.

Da última vez que tivemos um Governo com esta composição (PSD/CDS), teve um papel interventivo, era deputada e foi secretária de Estado. O que espera deste novo Governo?

Eu espero que este Governo consiga fazer um diagnóstico muito concreto de quais é que são os obstáculos que estão a impedir as pessoas de aceder aos seus direitos e às suas escolhas. As políticas sociais têm que ser redesenhadas.

Como é que vai comemorar estes 50 anos do 25 de Abril?

Aqui em Londres. Vou a uma cerimónia organizada pela comunidade portuguesa. Mas eu celebro sempre tentando cumprir um dos desígnios do 25 de Abril: tento sempre dar voz a alguém que não tem acesso ou que não tem espaço para projetar a sua voz, tentando empoderar alguém que eu acho que de outra forma não vai conseguir fazer-se ouvir. E a minha paixão é sempre trabalhar com jovens e com mulheres, porque são aqueles grupos que eu acho que têm sido sempre deixados para trás. Que não têm tido uma voz na construção dos seus futuros. Abril, para mim, cumpre-se focando-me nos direitos humanos e tentando trazer alguém comigo para a frente. Todos os dias.

dnot@dn.pt

Aparelhos de medir a tensão arterial devem ser certificados

Medir os níveis é cada vez mais fácil e cómodo. Pode fazê-lo em casa porque já existem no mercado muitos dispositivos, mas nem todos os aparelhos eletrónicos são recomendados.

À saída da mais recente ação de rastreio da Sociedade Portuguesa de Hipertensão, no último sábado em Santarém, Isabel Piedade estava satisfeita com os resultados. "Tenho andado mais vigilante ultimamente porque tenho sentido alguns picos de tensão e, por isso, aproveitei esta oportunidade para medir, mais uma vez, a tensão arterial". Com o neto pela mão, Isabel explica que também faz as medições em casa porque concluiu que lhe compensava comprar um equipamento para a automonitorização. "Notei que tinha a tensão sempre muito baixa e agora no rastreio pude comparar os níveis". Quando comprou o equipamento não se lembrou de verificar a certificação europeia, o selo CE que deve constar sempre destes dispositivos. Para atestar e comparar a disparidade de resultados, já antes do rastreio, tinha recorrido à ajuda da farmácia perto de casa. É esta atitude interventiva do doente que satisfaz a médica Rosa de Pinho porque, como diz, "são os pacientes que devem, antes de mais, preocupar-se com a própria saúde".

COMO ESCOLHER O DISPOSITIVO PARA MEDIR A PRESSÃO ARTERIAL?

"Os esfigmomanómetros, os aparelhos de monitorizar a pressão arterial, devem ser validados e ter valor científico, mas é preferível ter alguma referência do que não ter nada", alerta a presidente da Sociedade Portuguesa de Hipertensão (SPH). Rosa de Pinho aconselha quem tenha comprado aparelhos para mediar a tensão, sem grandes critérios de escolha, que os mostre ao médico ou eventualmente numa farmácia para comparar valores com os equipamentos certificados.

Médicos e demais profissionais de saúde não confiarem em determinados dispositivos digitais que fazem a medição no punho, como é o caso dos relógios inteligentes

Ao adquirir um equipamento deve sempre optar por um que faça a medição no braço. Os dispositivos com medição no punho ou nos dedos fornecem valores pouco credíveis, dizem os profissionais. Peça ajuda e conselhos ao médico de família ou opte pelo site www.stridebp.org onde encontra a lista de aparelhos validados. A Stride BP é uma organização científica internacional sem fins lucrativos, fundada por especialistas em hipertensão.

Apesar dos médicos e demais profissionais de saúde não confiarem em determinados dispositivos digitais que fazem a medição no punho, como é o caso dos relógios inteli-

gentes, Teresa Rodrigues, responsável pela consulta de hipertensão no Hospital de Santarém e coordenadora local da ação de rastreio da iniciativa "Pela Saúde de Portugal", nota que esses equipamentos são usados cada vez mais. "As pessoas apresentam-se aos médicos já com os próprios níveis de pressão arterial medidos. Quando nos dão os valores não percebemos se dizem respeito à pressão arterial periférica ou central. Terá de haver estudos muito rapidamente para validar esse tipo de instrumentos porque as pessoas mais novas já não os dispensam".

ALUNOS DE ENFERMAGEM TAMBÉM APRENDEM NAS AÇÕES DE RASTREIO

O rastreio gratuito aos níveis da tensão arterial da população de Santarém que decorreu no último sábado junto ao mercado municipal temporário, perto da praça de touros, foi mais um capítulo da viagem que a Sociedade Portuguesa de Hipertensão está a realizar por diversas cidades. Além dos médicos do hospital local, voluntariou-se para ajudar nesta ação a Escola Superior de Enfermagem do Instituto Politécnico de Santarém. O professor Mário Silva, que coordenou os alunos da licenciatura de enfermagem, explicou que a adesão é uma maneira de integrar a academia na comunidade. "Sempre que somos desafiados, participamos ativamente. Conforme as tarefas a desenvolver selecionamos os alunos e, neste caso, foram estudantes de terceiro e quarto ano já com alguns estágios e experiência de interação com pacientes que participaram. É uma ótima oportunidade de aprendizagem para eles".

Também presente na ocasião, o vereador da Câmara Municipal de Santarém com o pelouro da saúde, Alfredo Amante, elogiou os intervenientes destacando a importância da iniciativa para a região. "A nossa população está a envelhecer cada vez mais e necessitamos de uma proximidade maior aos cuidados de saúde. Esta ação é feliz porque, ao chamar as pessoas, promove os princípios da prevenção a que todos devemos dar atenção e, portanto, teve o nosso apoio desde que fomos solicitados para autorizar o rastreio". A próxima ação da iniciativa "Pela Saúde de Portugal" vai decorrer em Lisboa coincidindo com o Dia Mundial da Hipertensão, a 17 de maio.

Na iniciativa "Pela Saúde de Portugal" com o apoio da farmacêutica Servier, profissionais e estudantes da área da saúde medem, não só os valores da pressão arterial da população, mas também de colesterol e ainda o peso de cada paciente.

Entre meadas
Paula Cardoso

Misturar galhos com Bugalho

Não há uma linha que separa o jornalista que produz notícias do jornalista que comenta notícias. Mas defendo que deveria existir. Não por acreditar na possibilidade de neutralidade, e sim por entender que a subjectividade de opiniões e percepções, aliada à disputa de protagonismo que domina o espaço de comentário, tem vindo a contaminar o exercício da profissão.

Observo essa contaminação não apenas como consumidora de informação, mas como alguém que por quase 20 anos esteve integrada em redacções. Vejo como profundamente problemático que um jornalista incumbido de noticiar a actualidade Política, seja ao mesmo tempo criador dessa actualidade, influenciando, com as suas opiniões as leituras que se fazem deste ou daquele acontecimento.

Não será por acaso que a imprensa está sobrecarregada de "casos e casinhos". Esses não só dispensam aturadas verificações de factos e fontes – o que determina a divulgação é o possível aparato e alcance mediático –, como alimentam uma displicente indústria da opinião, em que fulano "diz que" , beltrano "já reagiu", e sicrano "não comenta".

Entupida de *aparecedores* e *pseudo-influenciadores'* a comunicação social segue modelos de negócio cada vez mais esvaziados de jornalistas e de jornalismo.

Abro aqui um parêntesis para defender a importância da análise, que considero fundamental para a digestão informativa de múltiplas complexidades que nos desgovernam. A fronteira está, a meu ver, no conhecimento que, comprovadamente, se tem do tema, algo que não deve ser avaliado pela quantidade de vezes que já se opinou sobre o mesmo, mas antes pela qualidade do trabalho que já se produziu sobre o assunto.

Para que fique mais claro, utilizo exactamente a mesma bitola que, durante a minha vida de jornalista com Carteira Profissional, fui usando para seleccionar as minhas fontes. Numa reportagem sobre depressão pós-parto, por exemplo, em que identifique a necessidade de ouvir uma psicóloga, a minha escolha irá recair sobre uma especialista com experiência nessa área em concreto. Se conseguir encontrar alguém com estudos publicados, melhor ainda, porque essa pessoa poderá trazer dados novos, e oferecer uma perspectiva mais estrutural do problema.

Da mesma forma, um jornalista que se tenha especializado num tema é capaz de, apoiado em factos e fontes, descodificá-lo, facilitando a sua compreensão, e deixando que sejam os leitores, telespectadores ou ouvintes a formar a sua opinião.

Fecho o parêntesis sobre a análise, e regresso à obsessão com o comentário. Tão supervalorizado que aos "fazedores de opinião" juntam-se cada vez mais os "fazedores de realidades".

Andam pelas televisões, rádios e jornais a vender uma visão de mundo – local, nacional, europeia ou mais global –, para capitalizar votos, negócios, influências. Inventam problemas – como o da insegurança causada pela imigração – para oferecer soluções, e criam contexto para discursos de ódios que apenas deveriam merecer reprovação repúdio.

Sublinho que estou a falar de jornalistas, não de políticos. E a última campanha eleitoral ofereceu-nos um deplorável festival de tudo isso, protagonizado por jornalistas-comentadores, visivelmente divorciados do dever de informar e comprometidos com agendas políticas.

Há quem normalize a contaminação, defendendo que não é segredo para ninguém que vozes estão ao serviço de quem. Discordo. Além de me parecer evidente que as declarações de interesses não assumidas, mas subentendidas, apenas são óbvias dentro de algumas bolhas politizadas, interessa-me questionar as suas implicações.

Na última campanha eleitoral para as Legislativas, Sebastião Bugalho, agora apresentado como cabeça-de-lista da AD para as Europeias, foi um dos jornalistas-comentadores mais vocais em defesa da direita. Estaria já em campanha?

Creio que nunca saberemos. Mas salta à vista que é perfeitamente possível a alguém com carteira profissional de jornalista – como era até ao início desta semana o caso de Sebastião Bugalho –, usar do seu espaço de influência para promover as virtudes de uma força partidária que, no momento eleitoral seguinte, aceita representar.

Entre a representação do Sebastião jornalista e a apresentação do Sebastião político, passaram cerca de dois meses. Em menos do que isso estaremos a votar para as Europeias e, aí chegados, as televisões portuguesas poder-se-ão gabar não apenas de eleger políticos, mas também jornalistas. Mas isso, ao contrário de Bugalho, segundo Montenegro, parece não ter nada de polémico.

Fundadora do Afrolink.
Não escreve ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

Opinião
Francisco George

Aconteceu há 50 anos. Um tempo inesquecível

Na quarta-feira, dia 24 de Abril de 1974, interrompi o jantar para abrir a porta. Então, ao ter espreitado pelo óculo, vi um soldado com farda verde e boina na cabeça. Apesar de ter estranhado e de não ter reconhecido o visitante, abri a porta. O militar que, sem hesitar, entrou disse-me com determinação:

– Sei quem tu és! Venho requisitar uma linha de telefone que hoje é precisa!

Perante aquela demonstração de autoridade respondi que sim, sem ter percebido para que seria e sem ter formulado mais perguntas. Sabia que nessa altura era difícil ter telefone e que a Companhia dava prioridade aos médicos e, além disso, como eu tinha duas linhas, uma em casa e outra no *atelier* do R/C, não fiquei admirado. Por isso, respondi com naturalidade:

– Então, puxe a linha de baixo que faz menos falta!

Acabei de jantar e depois fui ao quarto onde minha mulher estava a amamentar a nossa filha Catarina, que nascera no mês anterior, e disse-lhe:

– Olha, Maria João, um militar veio aqui a casa para requisitar o telefone do *atelier*!

Tal como eu, ingenuamente, não atribuiu qualquer importância especial. À hora habitual fomos dormir. Pelas 4.00 horas da madrugada, acordei com o toque do telefone que atendi estremunhado. Era meu pai, diretor do Hospital de Santa Marta, onde eu estava colocado como médico interno. Com voz visivelmente emocionada disse-me que tinha começado uma revolução e que o Posto de Comando estava a mandar os médicos para os hospitais. Disse-me que tinha acabado de ouvir o Comunicado do Movimento das Forças Armadas, emitido pelo Rádio Clube Português. Fora avisado pelo telefonema de um seu colega que sabia do Movimento. Num instante telefonei ao meu colega José Manuel Jara para se juntar a nós no Serviço. Curiosamente, antes de ir para Santa Marta, ele pôs o rádio na varanda, sintonizado no Radio Clube Português, com o som no máximo na perspetiva de acordar a vizinhança.

Uma vez em Santa Marta, todos nós, à volta da mesma mesa, estávamos a ouvir pela rádio os avisos do Posto de Comando que eram intervalados por marchas militares empolgantes. Era um Serviço que concentrava cerca de 30 médicos, quase todos oposicionistas, democratas, incluindo antigos presos políticos. Muitos choravam de alegria, outros pelo PBX ligavam incessantemente às famílias. Uma emoção coletiva difícil de descrever.

Perante a manifesta ausência de casos urgentes, resolvi ir para o Carmo, pela hora do almoço. Aí comecei por circular no passeio do lado contrário ao Convento, onde estavam deitados no chão, em fila, uns ao lado de outros, soldados com espingardas apontadas ao Convento. Os blindados do Regimento de Santarém cercavam Marcello Caetano, refugiado no Quartel da GNR desde cedo.

Pelo transístor portátil continuava a ouvir as emissões do Posto de Comando, mas também captava a banda das comunicações entre as forças do Governo, da GNR e da PSP. Percebia-se pelas mensagens que recusavam obedecer às ordens das respetivas chefias. Estou convencido de que a multidão na rua, a apoiar a Revolução, funcionou como "escudo humano" que evitou derramamento de sangue e que, assim, protegeu as tropas dos Capitães do MFA.

PS: Amanhã irei descer a Avenida e depois visitar o Carmo para reviver Salgueiro Maia, certamente o maior dos nossos heróis.

Estou convencido de que a multidão na rua, a apoiar a Revolução, funcionou como "escudo humano" que evitou derramamento de sangue e que, assim, protegeu as tropas dos Capitães do MFA.

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com

Estrangeiros pagam 65% mais pelas casas do que os portugueses

VENDAS Preço mediano da habitação cresceu 8,6% em 2023 para 1611 euros por metro quadrado. Grande Lisboa tem o valor mais alto (2740 euros), o Alentejo o mais baixo (803 euros).

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

O preço mediano dos alojamentos familiares vendidos em Portugal foi de 1611 euros por metro quadrado em 2023, um aumento de 8,6% face ao ano anterior. A Grande Lisboa, com 2740 euros por metro quadrado liderou, em termos de sub-regiões, enquanto o Alentejo ficou na ponta oposta, com um valor mediano de 803 euros. Acima da média nacional, além de Lisboa, estão Algarve (2613 euros/m²), Península de Setúbal (1901 euros/m²), Madeira (889 euros/m²) e Área Metropolitana do Porto (1800 euros/m²). Os dados são do Instituto Nacional de Estatística e mostram que, na Grande Lisboa e no Grande Porto, o preço mediano das transações efetuadas por compradores estrangeiros superou em 65% e 69,8%, respetivamente, o preço pago por compradores portugueses.

Especifica o INE que cinco das seis sub-regiões com preços medianos da habitação mais elevados apresentaram também os valores mais altos envolvendo compradores com domicílio fiscal no estrangeiro e em território nacional: Grande Lisboa (4415 euros/m² e 2675 euros/m², respetivamente), Algarve (3110 euros/m² e 2487euros/m²), Área Metropolitana do Porto (2973 euros/m² e 1751 euros/m²), Região Autónoma da Madeira (2598 euros/m² e 1821euros/m²) e Península de Setúbal (2318 euros/m² e 1940/m²).

Números que não surpreendem a Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária (APEMIP), cujo presidente lembra que grande parte dos estrangeiros procura soluções imobiliárias de segmentos de valor mais elevado.

"Estamos a falar de níveis económicos significativamente distintos quando comparamos os rendimentos de um português com o de cidadãos americanos ou outros", refere Paulo Caiado.

Nega, no entanto, que isso sirva para inflacionar o preço da habitação em Portugal. "Que possa haver uma pressão sobre o preço dos imóveis de valor mais elevado, admitimos que sim, agora que daí resulte um contágio generalizado, não", considera.

Os dados do INE mostram ainda que, no último trimestre do ano, se assistiu a uma desaceleração nos preços da habitação em 18 dos 24 municípios com mais de 100 mil habitantes.

O Município do Porto registou um decréscimo de 11,9 pontos percentuais e o de Lisboa de 5,7 pontos.

Em sentido oposto, houve um aumento da taxa de variação homóloga em seis municípios, com destaque para a Maia (subiu 7,8 pontos percentuais) e para Vila Nova de Famalicão (mais 6,5 pontos percentuais).

Os municípios de Cascais (4176 euros/m²), Lisboa (4086 euros/m²) e Oeiras (3096 euros/m²) apresentaram os preços mais elevados.

> A APEMIP considera que a descida do preço das casas só acontecerá quando, do ponto de vista estrutural, houver medidas que "apoiem o incremento da oferta [de habitação] direcionada aos segmentos de valor mais baixo".

A associação dos promotores imobiliários lembra que os concelhos mais populosos são aqueles onde os preços das casas estão mais altos, considerando "previsível" que começassem a registar "uma maior contenção na subida".

Do ponto de vista do negócio, Paulo Caiado mostra-se convicto de que 2024 será um bom ano para o setor. "O INE deu já a conhecer os dados do primeiro trimestre no que ao número de transações diz respeito, números que mostram um crescimento de 4,5%, o que é um bom indicador", refere, acrescentando que a previsível descida das taxas de juro e a redução na inflação são também "boas notícias" e que permitem antecipar "boas perspetivas" para este ano.

Quanto à descida dos preços, a APEMIP considera que só acontecerá quando, do ponto de vista estrutural, houver medidas que "apoiem o incremento da oferta [de habitação] direcionada aos segmentos de valor mais baixo", a par do prometido apoio do Governo à aquisição de casa própria por parte dos mais jovens.

Já no que se refere à descida do IVA para 6% na construção de habitação, Paulo Caiado assume que a medida é bem vista se essa redução for utilizada para posicionar a oferta em segmentos de valor mais baixo.

"Até vou mais longe: por que não uma total isenção fiscal? O Estado tem de pegar em toda a estrutura fiscal disponível e usá-la na criação de soluções de habitação mais acessível", sublinha.

Refira-se que os dados do INE mostraram ainda que, no último trimestre do ano, os 24 municípios com mais de 100 mil habitantes registaram preços medianos de alojamentos novos superiores aos dos existentes. Barcelos registou o menor preço mediano nas casas novas (1221 euros/m²) e a menor diferença entre o preço de alojamentos novos e existentes (104 euros/ m²).

Já Lisboa registou o maior diferencial entre os preços de alojamentos novos (5172 euros/m²) e os existentes (3950 euros/m²), num total de 1222 euros/m².

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Grande parte dos estrangeiros procura soluções imobiliárias de segmentos de valor mais elevado.

BREVES

PE aprova novas regras orçamentais

O Parlamento Europeu deu ontem "luz verde" final às novas regras orçamentais da União Europeia, para défice e dívida pública, que deverão, de seguida, ser aprovadas pelos Estados-membros na próxima segunda-feira, para entrarem em vigor em 30 de abril.
Na derradeira sessão plenária da atual legislatura, o Parlamento aprovou a revisão das regras de governação económica – que já havia acordado provisoriamente com o Conselho em fevereiro. Uma das novidades prevê que os Estados entreguem à Comissão Europeia, em setembro, os planos orçamentais-estruturais nacionais (em substituição dos Programas de Estabilidade) que incluirão medidas de correção, reformas e investimentos para 4 ou 7 anos. No caso da dívida, países com um rácio superior a 90% do PIB, como Portugal, esta terá de cair, pelo menos, um ponto percentual ao ano.

Riscos criados pela dívida estão a diminuir

As vulnerabilidades de Portugal relacionadas com o elevado nível de endividamento continuam a diminuir, indicou ontem a Comissão Europeia, na avaliação dos desequilíbrios macroeconómicos no contexto do Semestre Europeu. O Executivo comunitário conclui que os rácios da dívida pública e privada estão a diminuir "a um ritmo acelerado", situando-se muito abaixo dos picos históricos. O relatório salienta terem sido "realizados progressos políticos em resposta às vulnerabilidades identificadas, com especial destaque para a atenuação dos riscos decorrentes do aumento das taxas de juro". No entanto, a avaliação aponta que "os riscos para a sustentabilidade orçamental de Portugal são considerados elevados a médio prazo e reduzidos a curto e longo prazo". Os principais riscos "referem-se ao ambiente externo incerto e ao seu potencial impacto" no país.

PUBLICIDADE

emprego

RECRUTAMENTO DE DIRETOR DO NÚCLEO DE PROMOÇÃO TURÍSTICA

A Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa, pessoa coletiva de direito público, de natureza associativa, que tem por missão a valorização e o desenvolvimento das potencialidades turísticas da região de Lisboa, pretende recrutar um trabalhador para o provimento, em regime de comissão de serviço, com a duração de cinco anos, renovável por uma vez, do cargo de direção intermédia de Diretor do Núcleo de Promoção Turística.

Para acesso à informação detalhada, nomeadamente os requisitos exigidos e os métodos e critérios de seleção, poderão os interessados consultar o aviso do concurso publicitado em www.ertlisboa.pt.

A data-limite para entrega das candidaturas é de 10 dias úteis a contar do dia seguinte ao da publicação na Bolsa de Emprego Público.

18 de abril de 2024

A Presidente da Comissão Executiva
Carla Salsinha

RECRUTAMENTO DE DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL

A Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa, pessoa coletiva de direito público, de natureza associativa, que tem por missão a valorização e o desenvolvimento das potencialidades turísticas da região de Lisboa, pretende recrutar um trabalhador para o provimento, em regime de comissão de serviço, com a duração de cinco anos, renovável por uma vez, do cargo de direção intermédia de Diretor do Departamento de Administração Geral.

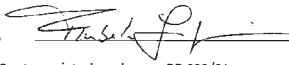
Para acesso à informação detalhada, nomeadamente os requisitos exigidos e os métodos e critérios de seleção, poderão os interessados consultar o aviso do concurso publicitado em www.ertlisboa.pt.

A data-limite para entrega das candidaturas é de 10 dias úteis a contar do dia seguinte ao da publicação na Bolsa de Emprego Público.

18 de abril de 2024

A Presidente da Comissão Executiva
Carla Salsinha

avisos, tribunais e conservatórias

Certifico

Para efeitos de publicação, que por escritura lavrada hoje neste Cartório a folhas sessenta e seguintes do livro seis-A de escrituras diversas, que:

ANTÓNIO JOÃO MARQUES BILA, divorciado, natural da freguesia de Évora (Sé), concelho de Évora, residente na Rua Horta de Fanares, n.º 7, 3.º Esq.º, Mem Martins, Sintra, contribuinte fiscal número 157.867.285,

FOI DECLARADO QUE: Com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor do automóvel de marca "Opel" , modelo "Rekord", do ano de mil novecentos e sessenta e sete, de matrícula GL-71-14, com aquisição registada a favor de Otão Manuel de Lemos Amaral, já falecido, que teve residência habitual na Av. Dr. Eduardo Mansinho, 21, 3.º Esq.º, em Tavira.

MAIS CERTIFICO, SEGUNDO ALEGADO: Que o referido veículo automóvel veio à sua posse na sequência de um contrato verbal de doação, celebrado com os herdeiros do titular inscrito, e efetuado no ano de dois mil e seis, data em que o mesmo veículo lhe foi entregue. Assim, nesse ano de dois mil e seis, tomou posse do automóvel, sendo para todos os efeitos pleno proprietário deste, portanto, há mais de dez anos.

Que, não obstante, nunca conseguiu obter documento de transmissão da propriedade do veículo e efetuar o respetivo registo, apesar de terem sido efetuados contactos com os referidos herdeiros do titular inscrito, estando, no entanto, na posse da documentação do automóvel, nomeadamente Livrete e Título de Registo de Propriedade, e ainda livro de serviços de conservação do automóvel. Que, por essa razão, e visto ter o referido veículo à sua disposição, e estar seguro de que o mesmo lhe pertencia e que possuía documentação suficiente para comprovar a titularidade a seu favor, que o habilitava a transitar com o mesmo na via pública. Que, assim, continuou a usar e a fruir do seu automóvel tranquilamente, ciente de ser o legítimo proprietário, no entanto, não possui documento que lhe permita comprovar a propriedade a seu favor no registo automóvel, no entanto, entrou na posse e fruição do mesmo automóvel com a convicção absoluta de ser o seu legítimo dono a partir do ano de dois mil e seis, utilizando-o regularmente para as suas deslocações, transportando-se a si, a outras pessoas e os bens e haveres que lhe convinham, mantendo o automóvel em bom estado de conservação e utilidade, promovendo as suas reparações e revisões em oficinas especializadas de reparação automóvel, suportando despesas, encargos e impostos devidos, tudo a suas expensas, nunca tendo a sua titularidade sido posta em questão.

Que esta posse sempre foi pacífica, contínua e pública, desde o referido ano de dois mil e seis, pelo que adquiriu o dito veículo automóvel por USUCAPIÃO, causa de aquisição que invoca, justificando o seu direito de propriedade para fins de registo automóvel, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Lisboa e Cartório Notarial da Notária **Florbela Maria Inácio Joaquim (em substituição)**, aos 12 de abril de 2024.

A Notária,

Conta registada sob o n.º PB 223/24

Brisa CONCESSÃO

Comunicado

Reabilitação e Reforço de Obras de Arte (A1)

Durante os meses de abril a outubro de 2024

AA Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que informa que, face ao prolongamento dos trabalhos em curso no âmbito das obras de reabilitação e reforço nas obras de arte, PI359 (18), cerca do km 247+202 e PH363 (2/3A), cerca do km 249+920, nos Sublanços Aveiro Sul - Albergaria (A1/IP5) – Estarreja, da A1-Autoestrada do Norte, a conclusão da obra ocorrerá em outubro de 2024.

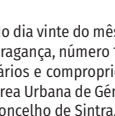
A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada mais bem-adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

Melhoramos a pensar em si

Brisa CONCESSÃO

Comunicado

Construção de Barreiras Acústicas Águas Santas – Ermesinde (A4)

Durante os meses de abril a setembro de 2024

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que, face ao prolongamento dos trabalhos em curso, no âmbito das obras de construção de barreiras acústicas, no sublanço Águas Santas (A4/A3) – Ermesinde, da A4-Autoestrada Porto/Amarante, a conclusão da obra ocorrerá em setembro de 2024.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada melhor adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

Melhoramos a pensar em si

EXTRATO DA ATA N.º 91

No dia vinte do mês de abril do ano dois mil e vinte e quatro, pelas dez horas e trinta minutos, na Rua de Bragança, número 1 – Edifício Sociocultural, Casal de Cambra, Sintra, reuniu-se a Assembleia de proprietários e comproprietários dos prédios sitos em Casal de Cambra, os quais se encontram integrados na Área Urbana de Génese Ilegal denominada "AUGI 57 – Casal de Cambra", na freguesia de Casal de Cambra, concelho de Sintra, com a presença de sessenta e quatro proprietários, conforme lista de presenças em anexo a esta ata, contando com a presença do Dr. Rui Santos na qualidade de Procurador da Comissão de Administração Conjunta e da Sra. Secretária da Direção da Associação de Proprietários de Casal de Cambra Fernanda Santos, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO UM: Apreciação do relatório de atividades da Comissão de Administração Conjunta relativo ao ano dois mil e vinte e três.

PONTO DOIS: Apreciação e votação das contas intercalares relativas ao ano dois mil e vinte e três e parecer da Comissão de Fiscalização.

PONTO TRÊS: Eleição da Comissão de Fiscalização para o mandato de dois mil e vinte e quatro/dois mil e vinte e cinco.

PONTO QUATRO: Assuntos de interesse geral.

Iniciados os trabalhos, a Comissão de Administração Conjunta procedeu à apresentação do relatório de atividades do ano dois mil e vinte e três. Aberto o período de discussão, houve lugar a intervenções dos proprietários, as quais foram respondidas.

Findo o ponto um da ordem de trabalhos, deu-se início ao ponto dois, tomando a palavra o procurador da Comissão de Administração Conjunta, explicando aos presentes os valores constantes nos mapas de receitas e despesas entregues nos quais verificamos em termos genéricos que o valor global da receita no ano dois mil e vinte e três ascendeu a **€379.864,66 (trezentos e setenta e nove mil oitocentos e sessenta e quatro euros e sessenta e seis cêntimos)**. Já o valor da despesa fixou-se em **€255.628,33 (duzentos e cinquenta e cinco mil seiscentos e vinte e oito euros e trinta e três cêntimos)**, verificando-se por esta via um saldo positivo a trinta e um de dezembro de dois e vinte e três no valor de **€124.703,73 (cento e vinte e quatro mil setecentos e três euros e setenta e três cêntimos)**. Aberto o período de discussão, registou-se uma intervenção que foi respondida.

De seguida, procedeu-se à leitura do parecer da Comissão de Fiscalização, sendo este favorável quanto ao relatório e às contas anuais e intercalares da comissão de administração conjunta relativas ao ano dois mil e vinte e três.

Findo o período de discussão, procedeu-se à votação das contas anuais e intercalares da Comissão de Administração Conjunta relativas ao ano de dois mil e vinte e dois, as quais foram **aprovadas por maioria com uma abstenção**.

Encerrado o ponto dois, deu-se início ao ponto três da ordem de trabalhos, tendo sido proposta pelo Sr. João António Ferreira Biscoito a seguinte lista para a Comissão de Fiscalização da AUGI, uma vez que os mandatos da mesma são limitados a um ano:

Presidente: João António Ferreira Biscoito;
Vogal: Maria da Conceição Gonçalves Barbosa Alves;
Vogal: Valdemar Fernando Pinto dos Santos.

A presente lista foi votada e **aprovada por unanimidade**.

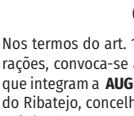
Nada mais havendo a tratar no ponto três, deu-se início ao ponto quatro, tomando a palavra o Dr. Rui Santos no sentido de informar os proprietários presentes do ponto de situação de cada um dos processos de loteamento. Procedeu de seguida à leitura dos valores de quotização em dívida de cada um dos loteamentos à data de trinta e um de dezembro de dois mil e vinte e três, apelando uma vez mais ao pagamento das mesmas.

Nada mais havendo a tratar, a reunião encerrou pelas doze horas e dez minutos do mesmo dia, tendo sido lavrada esta ata que depois de lida vai ser assinada pela Comissão de Administração Conjunta e Comissão de Fiscalização, ficando apensa à mesma a folha de presenças assinada por todos. Feita a leitura e posta à votação, a ata foi aprovada por **unanimidade**.

A Comissão de Administração Conjunta

Comunicado

Beneficiação do Pavimento Ponte de Lima Norte – EN 303 (A3)

Durante os meses de abril de 2024 a abril de 2025

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar obras de beneficiação do pavimento, no Sublanço Ponte de Lima Norte – EN303, da A3-Autoestrada Porto/Valença, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

Os trabalhos ocorrerão durante doze meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada mais bem-adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

Melhoramos a pensar em si

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art. 11.º da Lei n.º 91/95, de 2-09, e respetivas alterações, convoca-se a assembleia geral de proprietários dos lotes que integram a **AUGI Olival dos Cantos**, sita na freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, correspondentes aos prédios desanexados do prédio inicial descrito sob o n.º 3155 da 2.ª Conservatória do Registo Predial de Vila Franca de Xira e inscrito no artigo rústico n.º 36 secção F, cuja administração conjunta é titular do número de identificação de pessoa coletiva 901095400.

A assembleia terá lugar no dia **25 de MAIO de 2024** pelas **9.30 horas**, na Casa da Juventude do Sobralinho, sita na Rua Soeiro Pereira Gomes, Sobralinho, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 – Apresentação, discussão e aprovação, após parecer da Comissão de Fiscalização, das contas anuais intercalares, da administração conjunta, do ano de 2023.

2 – Eleição da Comissão de Administração e da Comissão de Fiscalização.

3 – Aprovação de orçamento para a execução de obras de urbanização não previstas (ligação dos esgotos e águas pluviais à rede). Aprovação de contrato referente a prestação de serviços de higiene e segurança na obra e aprovação de orçamento referente ao novo projeto de eletricidade, face à caducidade do anterior. Aprovação dos atos praticados pela Comissão de Administração. Aprovação de despesas jurídicas, nomeadamente referentes à cobrança judicial.

4 – Fixação do valor de comparticipação a pagar por cada lote e prazo de pagamento.

5 – Aprovação de protocolo a celebrar entre a AUGI e os SMAS de Vila Franca de Xira.

6 – Tendo em conta o fim do prazo fixado para o pagamento das comparticipações fixadas em anteriores assembleias e verificada a falta de pagamento dos proprietários dos lotes 15 (€ 25.396,96), 26 e 27 (€ 26.275,28), discussão e aprovação de comparticipação suplementar, para suprir os valores em falta, tendo em vista a conclusão das obras e a receção da obra pela Câmara.

7 – Discussão e aprovação quanto à cobrança judicial dos valores em dívida, acrescidos de juros de mora e despesas judiciais.

Se à hora indicada não comparecer o número de comproprietários necessário para se obter quórum deliberativo, a assembleia reunir-se-á meia hora depois da hora acima indicada, no mesmo dia e local e com a mesma ordem de trabalhos.

Sobralinho, 22 de abril de 2024

A Comissão de Administração

DR / X / OFICINA DEL PRESIDENTE

Milei, ao centro, rodeado pelo ministro da Economia, o vice-ministro, o governador e o número dois do Banco Central.

O que se esconde atrás do "milagre económico" de Milei e irá durar?

ARGENTINA Presidente anunciou *superavit* financeiro no primeiro trimestre do ano, algo inédito desde 2008. Mas foi alcançado à custa dos pensionistas, das obras públicas e subsídios.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O presidente argentino, Javier Milei, fala num "milagre económico", que permite que o país tenha, pela primeira vez desde 2008, um *superavit* financeiro. O libertário, que chegou à Casa Rosada em dezembro, prometeu reduzir o défice e está a cumprir. A questão é saber a que preço – passa pela perda de rendimento dos pensionistas, o corte total nas obras públicas e o fim de subsídios à energia, por exemplo – e saber se vai durar.

"Entendo que a situação que estamos a viver é dura. Já percorremos metade do caminho. Desta vez o esforço vai valer a pena", afirmou Milei, confiante, durante a sua declaração televisiva de 16 minutos, que passou no horário nobre de segunda-feira.

"Contra os prognósticos da maioria dos dirigentes políticos, os economistas profissionais, televisivos e aldrabões de tribuna, os jornalistas especializados e boa parte do *establishment* argentino quero anunciar que o setor público nacional registou um *superavit* financeiro de mais de 275 mil milhões de pesos. É 0,2% do PIB durante o 1.º trimestre do ano", revelou, dizendo que é um cenário inédito desde 2008.

O presidente, ao lado do ministro da Economia, Luis Caputo, e do governador do Banco Central, Santiago Bausili, lembrou que "o défice zero não é só um *slogan* de *marketing*" para o seu Governo, mas um "mandamento". E que este primeiro *superavit* "não é mais do que o ponto de partida para terminar com o inferno inflacionista" que herdou do anterior Executivo.

Milei atribuiu-se "um feito de classe mundial" que prova que "tinha razão" ao querer usar a "motosserra" para fazer face à crise que deixou "60% da população na pobreza". Os dados oficiais apontam para 48%, havendo quem esteja a ler no número do presidente a expectativa de que a situação vá piorar.

0,2%

Superavit A Argentina teve, em março, um *superavit* financeiro de 275 mil milhões de pesos (cerca de 290 milhões de euros), o que representa 0,2% do PIB no 1.º trimestre do ano.

O *superavit* surge quando o Estado gasta menos dinheiro do que angaria ao longo de um determinado período de tempo. É o oposto do défice, que Milei considera "a causa de todos os males na Argentina", fruto de uma "obsessão" dos políticos em "gastar o que não temos".

O resultado, lembrou, uma vez esgotadas as fontes de endividamento e os aumentos de impostos, era emitir mais moeda – e assim aumentar a inflação. Esta tem estado em queda, tendo sido de 11% em março, menos dez pontos do que em janeiro, quando foi de 20,6%. Ainda está elevada, cerca de 70% na comparação anual, mas está a baixar mais rápido do que o próprio Fundo Monetário Internacional tinha previsto.

Os números positivos de Milei surgem às custas do investimento público, com um corte nas obras públicas e nas transferência de fundos federais para as províncias argentinas (cerca de 62% em relação ao mesmo período do ano passado). Por outro lado, também houve uma redução do valor real das pensões devido à inflação, assim como dos salários e dos planos sociais, tendo também sido retirados vários subsídios (menos 67% nos subsídios sobre energia ou 32% do orçamento universitário).

A Confederação Geral do Trabalho (CGT), sindicato argentino, denunciou a "liquidação dos rendimentos dos reformados", com uma queda de 40% no espaço de um ano. As pensões (à exceção das mais baixas para evitar que ficassem abaixo do nível de pobreza) só subiram 27%, muito abaixo do valor da inflação.

A CGT falou também do desinvestimento nas universidades públicas, algo que levou milhares ontem às ruas. Ao não ser atualizado o orçamento para as universidades, há algumas "que não poderão funcionar no segundo semestre", alegam. O problema de Milei com as universidades públicas vai mais longe, acusando-as de "doutrinamento político", com os críticos a denunciarem tentativas de "mostrar as universidades como centro da corrupção".

A dúvida é saber se Milei conseguirá manter os resultados positivos. Na semana passada, num discurso diante de empresários em Bariloche, o presidente deixou o desafio: "Rapazes, em algum momento vão ter de ter coragem e investir." A Argentina celebra a queda do risco-país quase para metade do que era em novembro, um indicador do aumento do grau de confiança dos mercados, assim como à recomposição das reservas do Banco Central. Mas há problemas, porque com o aumento dos custos e a queda nas vendas, há empresas que estão a despedir funcionários e investir não está nos seus planos.

Sobre se o *superavit* vai durar, o jornal argentino *La Nación* escrevia ontem que os otimistas acreditam que sim, lembrando contudo que há também aqueles que defendem que é "insustentável" para o funcionamento do Estado "cortar tudo, fechar a caixa e sentar-se em cima". E a dúvida é saber até quando Milei vai contar com o apoio popular (50% já lhe dão nota negativa nas sondagens).

Entretanto, ativistas da luta pela defesa dos Direitos Humanos, incluindo o Prémio Nobel da Paz de 1980 Adolfo Pérez Esquivel, apresentaram no Congresso argentino uma petição a pedir o "julgamento político" de Milei por "mau desempenho das suas funções e possíveis crimes". Acusam o presidente de "genocídio económico" que afeta cada vez mais argentinos.

susana.f.salvador@dn.pt

Tensão sobe em universidades dos EUA devido a protestos pró-Gaza

GUERRA Columbia tem um acampamento de alunos pró-palestinianos desde a semana passada e na segunda-feira mais de cem estudantes foram detidos na Universidade de Nova Iorque.

TEXTO **ANA MEIRELES**

As tensões aumentaram entre estudantes pró-palestinianos e administradores escolares em várias universidades dos Estados Unidos na segunda-feira, levando ao cancelamento de aulas presenciais e à detenção de mais de uma centena de manifestantes. Esta vaga de protestos começou na semana passada na Universidade de Columbia, em Nova Iorque – quando um grande grupo de manifestantes estabeleceu o chamado "Acampamento de Solidariedade de Gaza" nas dependências da escola – e rapidamente se espalhou por outros estabelecimentos de ensino superior, incluindo Yale, MIT e outros. Ainda na segunda-feira, o presidente dos Estados Unidos disse condenar "os protestos antissemitas", acrescentando que "também condeno aqueles que não entendem o que está a acontecer com os palestinianos".

Os protestos estão a colocar os estudantes uns contra os outros, com os alunos pró-palestinianos a exigirem que as universidades que frequentam condenem as ações de Israel em Gaza e a desliguem-se de empresas que vendem armas a Telavive, enquanto alguns estudantes judeus relatam episódios de intimidação e antissemitismo durante os protestos.

As aulas em Columbia passaram de presenciais a *online* na segunda-feira, com a presidente da universidade, Nemat Shafik, a pedir uma "reinicialização" numa carta aberta à comunidade escolar. "Nos últimos dias, houve muitos exemplos de comportamento intimidador e de assédio em nosso campus", escreveu. "A linguagem antissemita, como qualquer outra linguagem usada para ferir e assustar as pessoas, é inaceitável e serão tomadas medidas apropriadas. Para diminuir o rancor e dar a todos nós a hipótese de considerar os próximos passos, anuncio que todas as aulas serão ministradas virtualmente na segunda-feira", acrescentou.

Shafik testemunhou na última quarta-feira no Congresso, tendo sido atacada por vários republicanos que a acusaram de não estar a fazer o suficiente para combater o antissemitismo. Em dezembro, audições semelhantes perante os congressistas levaram à demissão das presidentes das universidades de Harvard e da Pensilvânia.

DAVID DEE DELGADO / GETTY IMAGES VIA AFP

Os estudantes montaram o "Acampamento de Solidariedade de Gaza" na Universidade de Columbia.

Na semana passada, mais de 100 manifestantes foram detidos depois de a direção da universidade ter decidido chamar a polícia ao *campus* de Columbia na quinta-feira, uma medida que aparentemente aumentou as tensões e provocou uma maior participação no fim de semana.

Mimi Elias, uma estudante de Ação Social que foi detida, garantia na segunda-feira que iam "ficar até que falem connosco e ouçam as nossas exigências". "Não queremos antissemitismo ou islamofobia. Estamos aqui pela libertação de todos", acrescentou. Na opinião de Joseph Howley, professor associado em Columbia, a universidade recorreu à "ferramenta errada" ao envolver a polícia, o que atraiu "elementos mais radicais que não fazem parte dos nossos protestos estudantis". "Não se pode combater o preconceito e as as divergências comunitárias através do disciplinamento e punição", acrescentou.

Comportamento perturbador

Imagens publicadas nas redes sociais na noite de segunda-feira pareciam mostrar estudantes judeus pró-palestinianos realizando refeições tradicionais do Seder [jantar que os judeus comem na Páscoa] nas áreas de protesto em várias universidades, inclusive em Columbia.

Também em Nova Iorque, mais concretamente num acampamento na NYU, 133 pessoas foram detidas durante a noite de segunda-feira na sequência de protestos pró-palestinianos no *campus*, depois de a direção da escola ter chamado as autoridades.

Um porta-voz da Universidade de Nova Iorque explicou que a decisão de chamar a polícia foi tomada depois de outros manifestantes, muitos dos quais não se pensava serem afiliados à NYU, violarem repentinamente as barreiras erguidas ao redor do acampamento. O que "mudou drasticamente" a situação, prosseguiu a mesma fonte, citando "comportamento desordenado, perturbador e antagonista", juntamente com "cânticos intimidados e vários incidentes antissemitas".

"Dado o que precede e as questões de segurança levantadas pela violação, pedimos ajuda à Polícia de Nova Iorque. A polícia instou os que estavam na praça a saírem pacificamente, mas acabaram por efetuar várias detenções", prosseguiu o porta-voz da NYU, garantindo que a escola continua a apoiar a liberdade de expressão e a segurança dos alunos.

Há registos também de manifestações no MIT, na Universidade de Michigan e em Yale, onde pelo menos 47 pessoas foram detidas na segunda-feira após recusarem pedidos de dispersão. "A universidade tomou a decisão de prender os indivíduos que não queriam sair da praça tendo em mente a segurança de toda a comunidade de Yale", afirmou a universidade da Ivy League em comunicado.

Em Harvard, as autoridades universitárias suspenderam na segunda-feira o Comité de Solidariedade Palestina, segundo informou o grupo estudantil, adiantando que foram obrigados a "cessar todas as atividades" pelo resto do mandato, ou correriam o risco de expulsão permanente após realizarem uma manifestação não autorizada na semana passada.

ana.meireles@dn.pt

Londres dá novo pacote de ajuda a Kiev

O presidente ucraniano revelou ontem que o novo pacote de ajuda militar britânico a Kiev incluirá mais mísseis de longo alcance *Storm Shadow*, além de blindados e munições. "São [mísseis] *Storm Shadow* e outros tipos de mísseis, centenas de veículos blindados e anfíbios e munições; tudo o que a Ucrânia realmente precisa no campo de batalha", escreveu Volodymyr Zelensky nas redes sociais, relatando uma conversa com o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak.

A Ucrânia recebeu, na primavera passada, os primeiros mísseis de longo alcance *Storm Shadow* do Reino Unido, que têm sido utilizados por Kiev para atingir alvos russos longe da linha da frente. Zelensky agradeceu a Sunak a decisão de enviar o equipamento militar e pela cooperação do Reino Unido na produção conjunta de defesa, em particular, no desenvolvimento do armamento de longo alcance e das capacidades marítimas da Ucrânia.

Sunak iniciou ontem uma visita à Polónia e à Alemanha, coincidindo com o anúncio do pacote adicional de apoio militar à Ucrânia no valor de 500 milhões de libras (580 milhões de euros). O financiamento será utilizado para fornecer "rapidamente" munições, defesa antiaérea, *drones* e apoio de engenharia, adiantou o Governo de Londres em comunicado.

O Ministério da Defesa britânico vai também enviar equipamento "para ajudar a fazer recuar a invasão russa em terra, no mar e no ar", incluindo 60 barcos, mais de 1600 mísseis de ataque e de defesa aérea, mais de 400 veículos e cerca de quatro milhões de munições para armas ligeiras. "Defender a Ucrânia contra as ambições brutais da Rússia é vital para a nossa segurança e para toda a Europa. Se permitirmos que Putin tenha êxito nesta guerra de agressão, não se vai ficar pela fronteira polaca", disse Sunak.

DN/LUSA

Lei de deportação de migrantes para o Ruanda criticada

LONDRES Parlamento britânico aprovou na segunda-feira à noite o polémico plano, que Rishi Sunak classifica como "histórico". Deportações devem começar até julho.

O Reino Unido está a enfrentar as primeiras críticas internacionais ao seu plano de expulsão de migrantes ilegais, aprovado na segunda-feira à noite no Parlamento e que o primeiro-ministro Rishi Sunak classificou como "histórico".

A ONU pediu a Londres para "reconsiderar o plano" de deportações para o país africano, o que, segundo as Nações Unidas, "cria um precedente perigoso no mundo", e que, em vez disso, "adote medidas práticas para lidar com os fluxos irregulares de refugiados e migrantes, com base na cooperação internacional e no respeito pela legislação Internacional dos Direitos Humanos".

Rishi Sunak
Primeiro-ministro britânico

Também o comissário do Conselho da Europa para os Direitos Humanos, Michael O'Flaherty, destacou que esta lei "atenta contra a independência da justiça".

O Parlamento aprovou na segunda-feira à noite o polémico projeto de lei que autoriza a expulsão dos requerentes de asilo que entram ilegalmente no Reino Unido para o Ruanda. O Governo espera iniciar as deportações dentro de "10 a 12 semanas", segundo Sunak.

Mais de 6200 usaram, de forma ilegal, a travessia do Canal da Mancha para entrar no país desde o início de 2024, 20% mais em relação ao mesmo período do ano passado.

DN/AFP

China rejeita acusações alemãs de espionagem

EUROPA Ontem foi anunciada a detenção de um alegado agente chinês no Parlamento Europeu, que trabalhava para um eurodeputado alemão de extrema-direita.

A embaixada chinesa em Berlim rejeitou "firmemente" as acusações de ter realizado atividades de espionagem na Alemanha, informou ontem a agência estatal de notícias Xinhua. "Pedimos à parte alemã que pare de usar a acusação de espionagem para manipular politicamente a imagem da China e difamá-la", disse a embaixada em comunicado enviado à Xinhua.

A Justiça alemã anunciou ontem a detenção de um suposto agente chinês no Parlamento Europeu, aumentando os receios sobre espionagem por parte de Pequim antes das eleições europeias de junho e sobre questões estratégicas.

Este anúncio surge ainda um dia depois da detenção de outros três alemães, também acusados de espionagem para a China, e da acusação de dois homens em Londres por suspeitas semelhantes.

O último detido, identificado como Jian G., é acusado de espiar opositores chineses e de ter compartilhado informações sobre o Parlamento Europeu com um Serviço de Inteligência chinês, segundo o comunicado do Ministério Público Federal alemão.

Segundo o *site* do Parlamento Europeu, Jian Guo faz parte da lista de assistentes credenciados do eurodeputado Maximilian Krah, cabeça de lista do partido alemão de extrema-direita AfD nas próximas eleições europeias, que se realizarão entre 6 e 9 de junho nos 27 países do bloco.

Trata-se de um cidadão alemão que trabalha como assistente de Krah em Bruxelas desde 2019.

Após o anúncio da detenção, e "tendo em conta a gravidade das revelações", o Parlamento Europeu decidiu suspendê-lo imediatamente do cargo.

DN/AFP

Opinião
Joana Araújo Lopes

Mulheres com licença para matar

Na série *Special Ops: Lioness* (2023), Cruz é uma agente secreta envolvida na guerra contra o terror. Determinada, destemida e resiliente, a agente recrutada dos *Marines* tem como objetivo obter *intelligence* junto de um alvo importante. Ao longo dos séculos, as mulheres têm desempenhado uma panóplia de funções em cenários de conflito, tais como espias, enfermeiras, fotógrafas, diplomatas ou militares. A história está repleta de exemplos de excelência, desde as virtuosas do SOE de Churchill até às criptógrafas de Bletchley Park, fundamentais para a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Recentemente, a guerra da Ucrânia colocou em evidência a importância da sua participação, tendo-se verificado um número crescente de voluntárias e mulheres militares prontas a lutar na linha da frente contra as forças russas.

O papel das mulheres em conflitos armados é multifacetado. Neste âmbito, existem três dimensões que importa destacar: agente de violência; vítima e agente de prevenção.

Na primeira dimensão, académicas explicam que o comportamento violento das mulheres nunca é justificado como um ato intencional. A participação das mulheres no terrorismo, por exemplo, contraria esta narrativa: são elementos ativos na violência terrorista desde a emergência de grupos anarquistas no século XIX. Nos últimos anos, as mulheres têm assumido papéis relevantes, cometendo ações violentas e participando em atividades de recrutamento, financiamento e difusão de propaganda. Esta é uma evidência estratégica do autoproclamado Estado Islâmico (Daesh).

Na segunda dimensão, as mulheres são exploradas por redes criminosas e grupos terroristas, sendo vítimas de violência física e psicológica. Para o Daesh, por exemplo, as mulheres servem não só para garantir a continuidade do Califado, mas também para a satisfação pessoal dos combatentes, constituindo um trunfo de recrutamento: muitos foram atraídos para o grupo pela ideia de as disporem sexualmente. Em 2014, mais de 6000 mulheres e crianças iranianas foram escravizadas. Os testemunhos da minoria Yazidi, como o da sobrevivente Nadia Murad, são evidentes do horror. Milhares ainda permanecem em campos de refugiados na Síria, como al-Hol, estando expostas a condições deploráveis bem como ao extremismo, à radicalização e à violência.

Na terceira e última dimensão, as mulheres têm-se destacado como agentes de prevenção. A série *Lioness* supracitada é ilustrativa: inspirada num programa da CIA com o mesmo nome, que foi implementado durante as guerras do Afeganistão e Iraque (entre 2003 e 2004) e se baseia na constituição de equipas femininas com o objetivo de interagir junto de mulheres muçulmanas num contexto onde é culturalmente inaceitável envolver operacionais do sexo oposto.

São unidades de elite – precursoras das atuais *Female Engagement Teams* (FET) – que realizam "buscas", recolhem informações junto de mulheres locais e treinam-nas para detetar potenciais terroristas. Na Europa, salientamos o exemplo da Noruega que, desde 2016, tem uma Força de Operações Especiais exclusivamente feminina, a *Jegertroppen*, dedicada a missões de reconhecimento, vigilância, guerra urbana e contraterrorismo.

A formação destas equipas decorre da evolução das técnicas dos grupos jihadistas que, aproveitando fatores como um persistente "enviesamento" na segurança (em determinadas circunstâncias, os homens são sujeitos a mais verificações), têm procurado utilizar as mulheres para contrabando de armamento, funções logísticas e ações terroristas. Por exemplo, os atentados em Paris de 2015 foram inicialmente planeados para serem executados por mulheres. Paradoxalmente, a propaganda jihadista procura capitalizar esta instrumentalização como uma forma de "empoderamento", usando uma linguagem e uma narrativa próxima à do Ocidente.

Com a multiplicação das ameaças e riscos na arena geopolítica, o conflito na Ucrânia, e a falta de efetivos nas Forças Armadas, o papel da mulher enquanto agente de prevenção é particularmente relevante e necessário. É, aliás, um assunto há muito discutido na política internacional, tendo sido impulsionado pela agenda *Mulheres, Paz e Segurança* das Nações Unidas. No contexto português, a presença de mulheres militares e civis nas Forças Armadas é uma linha estratégica da política de Defesa Nacional. Sendo um coprodutor de segurança, Portugal reconhece que a diversidade é a sua maior defesa, sendo signatário de um conjunto de instrumentos legais, de diferentes quadros multilaterais, para a promoção da igualdade de género e a capacitação das mulheres nas várias áreas da Defesa. O contributo inestimável da sua competência e profissionalismo reflete-se nas operações e missões internacionais da ONU, NATO ou UE.

Não obstante o papel desempenhado, importa reconhecer que as mulheres são ativos estratégicos. Para os grupos hostis, as mulheres são instrumentos de uma causa e alvos a atingir. Para os Estados, são figuras essenciais na prevenção e combate aos diversos riscos e ameaças, desempenhando as suas funções de forma credível junto dos seus pares. Portugal é um exemplo nesta matéria.

Nota: Tema explorado em artigo anteriormente publicado pela EuroDefense – Portugal, aqui modificado, atualizado e explorado de forma diferenciada.

Investigadora associada do IPRI-NOVA, com investigação dedicada ao terrorismo e contraterrorismo.

PEDRO ROCHA / GLOBAL IMAGENS

Antigo atleta anunciou ida a votos com pompa e circunstância no Estádio Nacional.

Casa das seleções, a joia da candidatura de Domingos Castro à Federação de Atletismo

ELEIÇÕES Antigo atleta quer liderar destinos da "modalidade rainha de Portugal". Conta com Sara Moreira, Paulo Guerra, Carla Sacramento, Albertina Machado e Francis Obikwelu na equipa.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Porque estava na hora de "retribuir" tudo o que o atletismo lhe deu, Domingos Castro apresentou ontem a candidatura à presidência da Federação Portuguesa de Atletismo (FPA). As eleições serão em outubro e o antigo atleta conta, para já, com a oposição de Paulo Bernardo e Fernando Tavares, atuais vice-presidentes federativos.

Com a presença "meramente institucional" do atual presidente da FPA, Jorge Vieira, entre os convidados, o antigo Vice-Campeão do Mundo dos 5000 metros em 1987 prometeu construir uma casa das seleções. O anúncio mereceu aplausos da sala onde imperavam antigos atletas e atletas Olímpicos, incluindo Sara Moreira, Paulo Guerra, Carla Sacramento, Albertina Machado, Carla Tavares, Francis Obikwelu que integram a lista do *Movimento de mudança*, que pretende ser uma espécie de 25 de Abril do atletismo.

A projetada casa das seleções será propriedade da federação e nascerá na Marinha Grande, cujo município se fez representar atestando a vontade de receber o projeto idealizado por Domingos Castro e que terá espaço reservado "para os heróis do passado".

Escolheu a Tribuna de Honra do Estádio Nacional, com a pista que tantas vezes pisou como atleta de testemunha, para avançar. Para o candidato, "o atleta tem de ser o mais importante". E para isso é preciso mais apoios e procurar receitas fora dos apoios estatais que depois devem ser canalizados em exclusivo para as associações regionais. Assim como mais formação, com equipas a trabalhar no desporto escolar e cooperação com as federações congéneres internacionais, principalmente a espanhola, que já colabora com a federação atualmente. É ainda preciso recuperar a aposta no corta-mato.

Num evento marcado pela grandiosidade, que contou com a presença de cerca de 200 pessoas, incluindo Luís Monteiro (presidente da Associação de Atletas Olímpicos de Portugal e mandatário da campanha); Carlos Móia (presidente do Maratona Clube de Portugal), Fernando Tavares (vice-presidente do Benfica), Fernando Tavares Pereira (ex-candidato à presidência do Sporting), Marco Chagas (ex-ciclista) ou Miguel Arrobas (ex-nadador olímpico), o nervosismo e a emoção também fizeram parte do momentos. Principalmente quando o antigo atleta recebeu uma carta com uma mensagem especial. "Filho, sabes que há treino todos os dias, sejam quais forem as condições climatéricas, inclusivamente terramotos. Por este motivo, não consigo estar presente, mas mandei alguém da minha família. Assinado – Mário Moniz Pereira", leu de voz embargada Domingos Castro, antes de abraçar Maria Carlota Moniz Pereira, mulher do antigo treinador, que morreu em 2016.

Atleta de elite durante mais de 20 anos – representou Portugal em quatro Jogos Olímpicos –, Domingos Castro sabe que "é preciso reformar calendários competitivos e otimizar recursos" e filiar a comunidade *runners* através da oferta de eventos que despertem o interesse e promovam a modalidade.

Sobre a atualidade o candidato à liderança do atletismo reconhece que para Paris2024, o "panorama não parece ser vantajoso em termos de medalhas", devido às limitações físicas atuais de muitos deles. "É preciso criar condições, porque nós somos a modalidade rainha em Portugal", reconheceu aquele que representou o país em quatro Jogos Olímpicos (Seul1988, Barcelona1992, Atalanta1996 e Sydney2000).

De facto, Portugal tem 28 Medalhas Olímpicas e quase metade (12) são do atletismo... dono dos cinco Ouros nacionais: Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro, Pedro Pichardo e Nélson Évora, que pertence à Comissão de Honra da candidatura do antigo atleta do Sporting, assim como José Mourinho ou Luís Figo.

Como é eleito o presidente?

Dar mais autonomia às associações regionais e aumentar o subsídio da componente fixa dos duodécimos, de 12 para 14 meses é das medidas que, embora populistas, são essenciais, uma vez que o presidente é eleito por delegados, que representam todas as áreas da modalidade.

As associações distritais e regionais têm 44 delegados/votos, enquanto os associados extraordinários têm 21 delegados – destes, nove representam os praticantes desportivos, cinco os Atletas de Alto Rendimento, três os Atletas Veteranos e um os organizadores de provas de *Trail*.

Os juízes têm cinco delegados, assim como os treinadores, enquanto os organizadores de eventos têm direito a dois.

isaura.almeida@dn.pt

ELEIÇÕES NO FC PORTO – FALTAM TRÊS DIAS

Domingos "Depois destas eleições só haverá um Porto"

APOIO Antigo jogador apoia Pinto da Costa, mas sublinha que este tem concorrência de peso, referindo que André Villas-Boas "tem estado muito sólido e convicto". E tem a certeza de que haverá união dos sócios em torno do vencedor, seja ele qual for no dia 27 de abril.

TEXTO **ANDRÉ CRUZ MARTINS**

Domingos Paciência, figura histórica do FC Porto, é um confesso apoiante da recandidatura de Pinto da Costa, mas reconhece a força de André Villas-Boas, o principal opositor do atual presidente, saudando as ideias diferentes que têm sido trazidas ao espaço público pelas duas candidaturas.

"Estas eleições serão um momento muito importante para o futuro do clube. Estamos a assistir a algo único, pois Pinto da Costa foi unânime durante muitos anos e, desta vez, apareceu um candidato muito forte, a desafiá-lo. Serão certamente as eleições do FC Porto mais participadas de sempre", começa por referir ao DN. E, apesar de o antigo ponta de lança do FC Porto ser um assumido apoiante de Pinto da Costa neste sufrágio – esteve presente na cerimónia de apresentação da sua recandidatura –, não se coíbe de reconhecer os méritos do seu principal rival neste ato eleitoral, sublinhando que, "pelo que temos visto na televisão, o André [Villas-Boas] tem estado muito sólido e convicto".

Domingos Paciência recusa uma eventual acomodação de Pinto da Costa ao cargo de presidente, num "reinado" que já vai em 42 anos. "Não me parece que haja qualquer acomodação. A verdade é que o FC Porto tem continuado a ganhar e a lutar por todas as competições, independentemente de algumas críticas que se possam fazer à sua gestão e ao trabalho que ele e a sua equipa têm efetuado. Quem conhece bem Pinto da Costa, sabe que ele sempre procurou ganhar dentro e fora do campo e, agora, depois de ter aparecido esta forte candidatura do André [Villas-Boas], não será diferente. Ele tudo fará para continuar a vencer e irá tentá-lo com todas as forças, pois já disse várias vezes que, enquanto for vivo, deseja manter-se no cargo", realça.

Por outro lado, esta figura portista, que representou o clube durante 17 anos como jogador e durante quatro anos como treinador (adjunto e da Equipa B), sustenta que não foi devido à concorrência de André Villas-Boas que o atual presidente alterou o que quer que fosse na forma como tem gerido o clube, defendendo que "Pinto da Costa sempre soube adaptar-se aos novos tempos, rodeando-se de novas pessoas quando entendeu que necessitava de o fazer, e sempre lançou novos projetos, de que é exemplo a construção da Academia".

O antigo futebolista e técnico – a temporada de 2017/18 foi a última em que treinou, ao serviço do Belenenses – acredita que os sócios e adeptos do FC Porto vão unir-se em torno do novo presidente e que, "depois destas eleições, só vai haver um Porto, independentemente das pessoas terem votado em A, B ou C – irão colocar as diferenças de parte e apoiar o novo presidente".

Domingos Paciência reconhece a época menos positiva da equipa de futebol, mas tem a certeza de que uma eventual instabilidade provocada por este ato eleitoral não é uma das explicações para os maus resultados. "Os jogadores e os treinadores, quando vão para os jogos, estão 100% focados no trabalho, as eleições passam-lhes completamente ao lado. Claro que vão querer saber o que se vai passar nesse dia, mas a concentração dos profissionais não é afetada quando estão dentro de campo", sustenta, mostrando-se esperançado de que "a equipa possa terminar a época da melhor forma, com a conquista da Taça de Portugal, frente ao Sporting."

A terminar, Domingos Paciência revela que está à espera de um mar de gente no Dragão no dia das eleições e dá o seu próprio exemplo. "Nunca tive necessidade de votar na vida, pois a reeleição de Pinto da Costa estava sempre garantida. Em 37 anos de sócio, irei votar pela primeira vez", revela o antigo avançado.

Início das obras da polémica academia

Pinto da Costa mostrou-se muito satisfeito por assistir ao arranque das obras da Academia do FC Porto na Maia. "Esta era, não uma utopia, mas um sonho meu, e normalmente os meus sonhos costumo acordar com eles realizados", disse o presidente e candidato a novo mandato nas eleições de dia 27 de abril, "nada preocupado" sobre se irá ser ele a presidir à inauguração quando estiver terminada.

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

Estoril denuncia ameaças a jogadores

O presidente da SAD do Estoril, revelou que o pedido de impugnação do Chaves-Estoril (2-2) da 30.ª jornada da I Liga está em marcha. "O que teria acontecido se algum desses energúmenos tivesse sacado de uma faca?", questionou Ignácio Beristain, numa conferência de imprensa que contou com a presença de todos os jogadores – "muitos deles, a receber mensagens muito graves e estão à disposição da polícia", segundo o líder *canarinho*.

O jogo do passado sábado, em Chaves, terminou com agressões depois de uma invasão de campo, que levou à detenção de seis adeptos e à identificação de um jogador. "Pedro Proença e o futebol português têm de decidir que posição têm sobre estes episódios e quando e como assumem a sua decisão. Não é só um problema do Estoril, é um episódio muito grave para o futebol português", disse o líder *canarinho*, pedindo ainda a despenalização dos jogadores expulsos, Marcelo Carné e Pedro Álvaro: "Reagiram só em legítima defesa e não devem ser castigados." Os castigos do Conselho de Disciplina devem ser conhecidos hoje.

Amorim explica sábado o que foi fazer a Londres

SPORTING Treinador regressou em silêncio e prometeu falar da viagem relâmpago, em dia de folga, na conferência de antevisão do clássico de domingo.

Nem West Ham, nem Liverpool para já. O destino de Rúben Amorim, que regressou ontem de madrugada (01:00) de Londres, onde terá reunido com o West Ham continua em aberto. À chegada, muitos sorrisos e poucas palavras aos jornalistas que o esperavam. "Até sábado", atirou, remetendo para a conferência de Imprensa de antevisão do clássico (domingo, às 20.30, no Estádio do Dragão).

O treinador do Sporting aproveitou a folga dada ao plantel – regressa ao trabalho amanhã – para fazer uma viagem a Inglaterra para tratar do futuro... que parece cada vez mais passar por ser longe de Alvalade, apesar de ter contrato até junho de 2026 e uma cláusula de rescisão múltipla: 30 milhões se um clube português o quiser ir buscar a Alvalade e 20 milhões de euros se for um clube estrangeiro.

Amorim foi surpreendido a embarcar rumo a Londres a partir do Aeródromo de Tires, na companhia do empresário Raúl Costa, para ouvir a proposta do West Ham, o 8.º classificado da *Premier League*, que no sábado joga no London Stadium com o outro interessado em Amorim, o Liverpool, de Jurgen Klopp.

O Sporting manteve-se em silêncio, justificando que o único foco é o Campeonato – os leões estão a dois triunfos de festejar, mas no domingo enfrentam o FC Porto no Estádio do Dragão.

No comando do Sporting, Rúben Amorim conquistou quatro troféus desde março de 2020 – um Campeonato Nacional (2020-21), duas Taças da Liga (2020-21 e 2021-22) e uma Supertaça Cândido de Oliveira (2021) – podendo conquistar mais dois (título e Taça de Portugal) antes de sair.

Shirley MacLaine aos 90. Deus (ainda) sabe quanto ela amou

ANIVERSÁRIO Uma das referências vivas de Hollywood, a atriz de *O Apartamento* e *Deus Sabe Quanto Amei* celebra hoje 90 anos, com quase 70 de carreira. Ainda nada está acabado.

Shirley MacLaine na série *Homicídios ao Domicílio*, em 2022.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

O cabelo curto, em tons de ruivo, os olhos azuis-claros, entre a tristeza e a infinita doçura, uma nota de inocência e outra de perversidade a digladiarem-se no rosto como raramente se viu de forma tão cristalina, em Hollywood. Foi com esta imagem de marca que Shirley MacLaine imprimiu na história do cinema americano um certo desregramento bem-vindo nos modos. "Tudo nela é desordenado, desconchavado, maria-rapaz", escreveu João Bénard da Costa, que via nessa feliz ausência de harmonia o primor artístico, tecendo-lhe elogios rasgados: "Tudo quanto se pode dizer sobre o que é uma atriz no cinema se lhe aplica"; "é difícil não gostar, e muito, desse coração melodioso e com culpas, e desse rosto tão, tão bonito". Nascida a 24 de abril de 1934 (Richmond, Virginia), a mais humana das atrizes completa 90 anos, e continua a deixar-se ver no pequeno e no grande ecrã.

Filha de uma professora de teatro, e irmã mais velha do ator e realizador Warren Beatty, Shirley MacLaine aprendeu *ballet* em criança e, já em Nova Iorque, começou por ser corista na Broadway, pouco antes de ter substituído a segunda protagonista do musical *The Pajama Game*, em 1954. Foi aí que o produtor Hal Wallis lhe pôs a vista em cima e a contratou para a Paramount Pictures: na sua estreia em cinema seria dirigida por Alfred Hitchcock (*O Terceiro Tiro*) e não esperou muito pela primeira nomeação para um Óscar (*Deus Sabe Quanto Amei*, de Vincente Minnelli, 1959).

Antes disso ainda mostraria brevemente os seus dotes de comédia em *Pintores e Raparigas* (1955), de Frank Tashlin, ao lado de Jerry Lewis e Dean Martin, sendo a década de 60 que a viu florescer num registo entre o humor e o drama (*O Apartamento* e *Irma la Douce*, de Billy Wilder, *A Infame Mentira*, de William Wyler, *What a Way to Go!*, de J. Lee Thompson, *Sete Vezes Mulher*, de Vittorio De Sica, etc.).

Os Anos 1970, menos produtivos em termos de cinema – quando se tornou demasiado "cara" para os estúdios –, corresponderam a um tempo mais reflexivo, em que escreveu um livro de memórias, *Don't Fall Off the Mountain* (o primeiro de vários), regressando também aos palcos e fazendo televisão. É dessa altura a série *Shirley's World*, onde interpreta uma fotojornalista, e o documentário, realizado pela própria, *The Other Half of the Sky: A China Memoir* (1975), nomeado para o Óscar na respetiva categoria documental.

Foram os *eighties*, por sua vez, que lhe trouxeram alguma justiça. Em 1984 venceu finalmente um Óscar de Melhor Atriz (ao fim de seis nomeações), por *Laços de Ternura*, de James L. Brooks, e depois dos divertidos papéis em *Flores de Aço* (1989), de Herbert Ross, e *Recordações de Hollywood* (1990), de Mike Nichols, até à data tem mantido uma relação descontraída, quer com o cinema, quer com as séries – dos últimos anos, é digna de nota a sua personagem no filme *In Memoriam* (2017), de Mark Pellington, uma mulher de negócios reformada que quer supervisionar previamente a escrita do seu obituário, sendo também deliciosa a sua passagem pela segunda temporada de *Homicídios ao Domicílio*.

O que fica muito evidente quando se observa a evolução de Shirley MacLaine na grande tela é a progressiva transformação do seu humor açucarado e *sexy* num perfil ora rabugento ora dolorido, que nunca perdeu, porém, aquele toque "desarrumado" nos gestos e na expressão.

Para narrar a essência dessa mudança ao longo do tempo, percorremos aqui alguns dos seus melhores papéis, sem deixar de fazer uma menção especial a dois títulos que ficaram fora da lista, por limitação numérica: *Sweet Charity* (1969), de Bob Fosse, e *Os Abutres Têm Fome* (1970), de Don Siegel. O primeiro, um musical baseado no argumento de *As Noites de Cabíria*, de Fellini; o segundo, um *western* em que MacLaine interpreta uma freira em apuros no México do século XIX, salva pelo *cowboy* Clint Eastwood. Um *must*!

NOVE FILMES PARA 90 VELAS:

O TERCEIRO TIRO (1955)
Começar a carreira sob a direção de Alfred Hitchcock não é para todos, e Shirley MacLaine teve essa sorte na fabulosa peça de humor negro que é (no título original) *The Trouble With Harry*. Hitchcock adorava o romance homónimo de Jack Trevor Story e adaptou-o com uma afinação tremenda. O que é que acontece aqui? Há um cadáver no meio da floresta, que vai sendo objeto de variadas manifestações de indiferença por parte das personagens que com ele se cruzam, até que se forma um quarteto, ou melhor, dois pares românticos à volta do "problema" daquele corpo – no espaço de 24 horas é enterrado e exumado ao sabor dos raciocínios hesitantes, e o outono nunca pareceu tão belo... "Você é a coisa mais maravilhosa e linda que alguma vez vi. Gostava de pintá-la", diz John Forsythe à jovem mulher interpretada por MacLaine (que foi a primeira a identificar o cadáver de Harry). E assim se cumprimenta a debutante cujo cabelo ruivo combina com as folhas das árvores naquele outono Technicolor e contrasta com as heroínas hitchcockianas, tradicionalmente loiras.

DEUS SABE QUANTO AMEI (1958)
Um dos mais esplêndidos melodramas do cinema americano, que recebeu um adequadíssimo título português, *Some Came Running* é o filme da absoluta revelação de MacLaine, a prova máxima de que o mundano e o sublime se podem tocar através de uma certa maneira de expor os sentimentos. A sua maneira. Ela é Ginnie Moorehead, uma "rapariga perdida" que se apaixona por um veterano do Exército, o cínico Dave Hirsh de Frank Sinatra, seguindo-o no autocarro até à sua cidade natal, onde este, já sóbrio da noite anterior, a vai descartando na mesma medida em que o amor dela cresce – e cresce ainda que Ginnie esteja ciente de não se encontrar ao nível da mulher intelectual (Martha Hyer) que constitui o interesse amoroso dele. Vincente Minnelli filma tudo isto com a elegância de um musical subterrâneo, em que a figura dela, suplicando para ser vista como humana, fica a ressoar nas palavras de uma doçura trágica.

O APARTAMENTO (1960)
Outro dos clássicos da atriz, assinado por Billy Wilder, *O Apartamento* confirma a totalidade das emoções contidas na sua expressão. Ela, que consegue traduzir a mais profunda tristeza (ninguém esquece o diálogo do espelho de bolso partido, que "a faz parecer tal e qual como se sente") e aquele charme de meiguice travessa. A sua personagem é uma operadora de elevador, Fran Kubelik, por quem Bud (Jack Lemmon), trabalhador de uma empresa de seguros, cai de amores. Estamos em Manhattan, com paragens no 19.º andar de um edifício que espelha a frieza do mundo moderno, e estas duas alminhas solitárias vão ter de resolver as suas próprias conjunturas: ele é o tipo que empresta o apartamento para casos extraconjugais de superiores hierárquicos, esperando que isso lhe traga alguma vantagem laboral; ela é a amante do chefe...

A INFAME MENTIRA (1961)
É dos filmes mais esquecidos do percurso de MacLaine e uma das suas interpretações mais dilacerantes, a partir de uma peça de Lillian Hellman, *The Children's Hour*. Contracenando com Audrey Hepburn (que tinha acabado de fazer *Boneca de Luxo*), ambas interpretam Martha e Karen, duas amigas responsáveis por um pequeno internato para raparigas, que, a certa altura, é alvo de difamação por uma das crianças, uma aluna mimada que lança o boato de um relacionamento lésbico entre as professoras... Claro que é uma mentira malvada e com consequências imediatas, mas Martha/MacLaine terá algo a confessar à colega, que lhe custa mais do que o fecho do internato. Um brilhante dueto dirigido por William Wyler.

IRMA LA DOUCE (1963)
O segundo encontro com Jack Lemmon no grande ecrã, de novo sob o comando de Billy Wilder, faz-se a cores bem vivas, abraçando a comédia sem reservas. No papel de uma trabalhadora do sexo – a beleza de *collants* verdes que dá título ao filme –, ela volta a acelerar o batimento cardíaco dele, que desta feita é um ex-polícia convertido em proxeneta. Entenda-se: o homem está tão apaixonado que se disfarça de cliente rico único, com alegadas limitações sexuais, para garantir que Irma La Douce não dorme com mais ninguém. Como é que ele arranja o dinheiro? Essa é a outra parte hilariante deste conto que planta a ternura no contexto mais improvável de uma Paris de farsa e burlesco.

WHAT A WAY TO GO! (1964)
O filme onde Shirley MacLaine usa uma estonteante cabeleira cor-de-rosa. Não será só por isso que se recorda esta comédia de J. Lee Thompson, mas a verdade é que o guarda-roupa e a excentricidade do *design* de produção (nomeados para Óscar) contribuem bastante para a memória visual de *What a Way to Go!*, puro *champagne* para uma tarde amena. O enredo é simples: em visita a um psiquiatra, a protagonista endinheirada conta a história da sua vida num longo *flashback* que revela a "sobrevivência em série" a maridos que a foram deixando cumulativamente mais rica. Quem é que conseguiria reunir num só filme Paul Newman, Dean Martin, Robert Mitchum e Gene Kelly? É um feito, mas eles só estão de passagem num programa de festas que cobre MacLaine de figurinos fenomenais.

A GRANDE DECISÃO (1977)
Depois da fase das comédias, concentrada nos Anos 60, é na década seguinte que MacLaine começa a explorar a fundo a sua vertente dramática, associada a um corpo na meia-idade. *A Grande Decisão* (título original: *The Turning Point*), de Herbert Ross, será porventura o filme principal dessa transição, onde a vemos como uma mulher que guarda a amargura de uma decisão do passado, quando trocou o futuro como bailarina profissional pela maternidade e vida de casada. Uma mágoa que vem ao de cima quando a filha, também uma bailarina talentosa em ascensão, a leva ao contacto com uma amiga e rival, que se tornou estrela do *ballet* – a amiga é interpretada por Anne Bancroft, e as duas juntas, no seu momento de catarse, criam um pequeno milagre. Não admira a nomeação dupla nos Óscares, para Melhor Atriz.

LAÇOS DE TERNURA (1983)
Eis então o filme que lhe valeu, por fim, o Óscar. Arranca em tom de comédia familiar, mas acaba por ganhar avultada intensidade de drama, conforme a história da relação entre uma mãe obsessiva e a filha que tenta escapar ao seu domínio se transforma numa crónica agridoce sobre a busca pelo amor. De MacLaine a Debra Winger, as protagonistas, passando por Jack Nicholson, na pele do sedutor vizinho do lado, há um extraordinário trabalho de *nuances* de realismo que nos conduzem suave e firmemente para as lágrimas... Ainda que o realizador James L. Brooks não menospreze o poder humorístico de Nicholson, quando este se dirige à heroína madura: "Não sei o que há em ti que desperta o diabrete em mim." E ela é, de facto, uma peça complexa de *design* humano.

FLORES DE AÇO (1989)
O coração de *Flores de Aço* é um salão de beleza do Louisiana onde circulam alegrias e angústias misturadas com laca, cera e secadores. Um modo de vida comunitário que se mede pelo ritmo das quadras e festividades, com os laços femininos na linha da frente. Mais uma vez realizado por Herbert Ross, é verdade que este *Steel Magnolias* serviu de rampa de lançamento para uma jovem Julia Roberts e é uma obra coral que junta Sally Field, Dolly Parton, Daryl Hannah, Olympia Dukakis e Shirley MacLaine, sem nenhuma personagem estar acima das outras. Mas o filme não seria a mesma coisa se faltasse a resmunguice e maus modos da Ouiser Boudreaux de MacLaine, que traz o vendaval consigo sempre que chega a algum lugar. Quando numa festa lhe trazem um velho conhecido, que diz que ela está fisicamente igual ao que era na juventude, a resposta surge de boca suja: "Já não sou tão amorosa como costumava ser." Uma piscadela de olho à Shirley do outro tempo.

Opinião
Carlos Rosa

1994: o ano em que o mundo dos videojogos mudou!

Em 1994 eu já estava em fase de negação e repulsa pelos videojogos. Eu fiz a descoberta dos jogos de computador muito antes desta data. Tanto que aos 15 anos já tinha feito o desmame do Arkanoid e do Kick Off, que rodaram tardes a fio no Commodore Amiga do meu amigo Marinho.

Ainda passei pelo Spectrum, onde joguei Ant Atack quase até à exaustão da fita da cassete, mas o ambiente gráfico dos 8-bit era muito curto sob ponto de vista visual e rapidamente abandonei o Spectrum quando descobri um vizinho com o Amiga montado na sala de estar!

A história dos jogos digitais, começa muito antes do advento do Spectrum e do Amiga. Na verdade, estas duas marcas proliferam num contexto em que eram as consolas que lideravam o mercado dos jogos.

A Nintendo foi a pioneira, que nos Anos de 1970, desenvolveu com a Mitsubish Electric as primeiras consolas domésticas, as TV Game.

Mas é com o *Donkey Kong* e com o *Super Mario* que a Nintendo chega ao topo da indústria do entretenimento. O *Super Mario* inundava as nossas televisões com anúncios, mas por alguma razão, acabei com um Spectrum no quarto, mas a jogar Amiga na casa do vizinho.

Conta-se por aí que a Sony queria ir a reboque da tecnologia da Nintendo, mas melhorá-la, e ter uma consola de jogos em CD em vez dos cartuchos que a Nintendo usava, e usava bem! A Nintendo acabou por fazer *game over* a esta parceria, talvez por achar que os jogos em CD não seriam financeiramente vantajosos para a marca.

A Sony acabou por desenvolver a tecnologia sozinha e lançou em 1994 a sua primeira consola alimentada por jogos em discos compactos. O que era fantástico! Todas aquelas caixinhas arrumadas, com as lombadas todas diferentes. Quantas mais melhor. Quantas mais, maior era a coleção de jogos para usar nas tardes de sábado e de domingo.

Eu acabei por descobrir a PlayStation tarde. Descobri-a apenas quando o meu filho alcançou a idade para jogar *FIFA* e *PES*. Mas rapidamente desisti por causa da condescendência dele ao deixar-me ganhar de vez em quando... enfim, adiante.

O que sei é que atualmente já nem CD's se compram. Há uma conta online com jogos e *Governo* e coisas pouco ou nada tangíveis. Já ninguém guarda, ou tem, CD de jogos.

Os jogos nos Anos 80 e 90 podiam-se mexer, podiam-se apalpar, sentiam-se nas mãos. O ritual da abertura do CD, da leitura do livrinho, do passar os dedos para sentir a textura do papel, desapareceu, mas quando pesamos em tudo isto, pensamos em Sony. Pensamos em Playstation.

Se nos anos de 1990 a Sega e a Nintendo lideravam o mercado dos cartuchos, a Sony inventou o mercado dos CD. Ou melhor, não inventou, mas ganhou-o! Porque a Sega Saturn foi lançada dias antes, mas sem sucesso! E foi a Sony que liderou esse mercado e ficou na história por isso mesmo. Por isso... e pelos 102 milhões de consolas vendidas apenas nesta primeira edição.

A Panasonic e a Amiga também tentaram a sua sorte no mercado dos leitores de CD, mas também sem sucesso. Enfim, a história é longa, mas a Sony, e mais propriamente esta marca que todos conhecemos e certamente temos lá por casa, seja na sala, seja já num caixote no sótão, a Playstation mudou mesmo o mundo dos videojogos! Mudou de tal maneira que o maior concorrente da PS4, era, imagine-se!, a PS3.

Designer e Diretor do IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia

PUBLICIDADE

ASSOCIAÇÃO SINDICAL DE PROFESSORES LICENCIADOS

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL DA ASPL

Nos termos dos números 1 e 2 do artigo 30.º, conjugado com as alíneas d) e e) do artigo 26.º dos Estatutos da Associação Sindical de Professores Licenciados (ASPL), para cumprimento do disposto na alínea a) do artigo 28.º, convoca-se uma reunião ordinária da Assembleia Geral, para o próximo dia 30 de abril de 2024, pelas 17.00 horas, na sede da ASPL, sita na Av.ª Luís de Camões, Lote A4, R/C Esq.º, 2870-170 Montijo, com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS**:

Ponto um – Informações;
Ponto dois – Apresentação, discussão e votação do Relatório de atividades e o de Contas, da Direção, bem como do parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercício do ano 2023;
Ponto três – Outros assuntos de interesse para a ASPL.

Se à hora marcada não estiverem presentes, pelo menos, metade dos sócios efetivos, a Assembleia reunirá em segunda convocação, trinta minutos sobre a data e hora da primeira, conforme estipulado no ponto 2 do artigo 32.º dos Estatutos da ASPL.

Parta os sócios que não possam deslocar-se à sede nacional, sobretudo devido às distâncias geográficas, será disponibilizado um *link* de ligação à plataforma zoom, que será enviado por correio eletrónico para o endereço de email de cada associado, com a antecedência devida, para que possam assistir à respetiva Assembleia Geral.

Lisboa, 23 de abril de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral da ASPL
Dr. Olegário Alberto Vieira Ferreira

Sede Nacional da ASPL
Av. Luís de Camões, Lote A4, r/c esq.º, 2870-170 Montijo
Telef.: 212 307 900 / Fax: 210 435 56 / Telem. 919 538 998
E-mail: presidencia@aspl.pt / www.aspl.pt

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Consulado-Geral do Brasil em Faro

LIVRO: 7
FOLHA: 143
TERMO: 1910

EDITAL DE CASAMENTO

Igor Leal Pinto, vice-cônsul do Brasil em Faro, usando das atribuições que lhe confere o art.º 18 da Lei de Introdução às normas do Direito Brasileiro (Decreto-Lei n.º 4.657, de 4 de setembro de 1942), faz saber que pretendem casar JEFERSON SANTOS ROCHA,natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, nascido em 15/04/1995, residente e domiciliado na Rua da Bela Vista, Lote 77, R/C, Chinicato, Lagos, Portugal, Código Postal: 8600-306, filho de Ana Norvina Souza Santos e de Olivaldo Rocha Vieira, e KARLA ALMEIDA DIAS, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, nascida em 30/11/1999, residente e domiciliada na Rua da Bela Vista, Lote 77, R/C, Chinicato, Lagos, Portugal, Código Postal: 8600-306, filha de Neuza de Almeida Lima e de António Dias. Os nubentes apresentaram os documentos exigidos pelo art.º 1.525 do Código Civil (Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002).
Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da Lei.
Eu, Betânia de Andrade Oliveira, oficial de Registro Civil *ad hoc*, lavrei o presente para ser publicado na imprensa local e afixado em lugar visível da Chancelaria deste Consulado Geral.

Igor Leal Pinto

CERTIFICO, PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO

Que neste Cartório de Lisboa, do Notário Pedro Alexandre Barreiros Nunes Rodrigues, sito na Rua Mouzinho da Silveira, n.º 32, 2.º andar, por escritura de justificação, outorgada aos quatro dias de abril de dois mil e vinte e quatro, lavrada a folhas cento e vinte e sete e seguintes do livro de notas seiscentos e setenta e cinco, foi por:
FRANCISCO JOSÉ PEREIRA DA CUNHA REGO, NIF 132.660.229, natural da freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, casado com Josimara Aparecida dos Santos no regime da comunhão de adquiridos de acordo com o ordenamento jurídico brasileiro (comunhão parcial de bens), residente na Rua Doutor Manuel de Arriaga, n.º 40 - 2.º esquerdo, 1495-087 Algés, concelho de Oeiras, justificado que é dono e legítimo possuidor da FRAÇÃO AUTÓNOMA designada pela letra "R", correspondente ao oitavo andar esquerdo recuado, que faz parte do prédio urbano, em regime de propriedade horizontal, sito em Benfica, na Rua dos Soeiros, n.º 330 A, 330 e 330 B, na freguesia de Benfica, concelho de Lisboa, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o número dois mil duzentos e sessenta e cinco, da dita freguesia, com a aquisição registada a favor de Manuel dos Reis Duarte pela inscrição correspondente à apresentação dezanove de vinte cinco de outubro de mil novecentos e setenta e três, afeto ao regime de propriedade horizontal pela inscrição correspondente à apresentação onze, de vinte e oito de agosto de mil novecentos e setenta e três, inscrito na matriz predial urbana da freguesia de São Domingos de Benfica sob o artigo 752, com o valor patrimonial de 71.486,45 € e ao qual atribuiu igual valor, imóvel cujos elementos registrais constam da certidão predial permanente com o código de acesso PP-2878-35669-110608-002265.
Que, em resultado de partilhas e doação verbais por óbito do titular inscrito Manuel dos Reis Duarte e de sua mulher Aurora Domingues Pereira Duarte, de sua mãe Maria da Conceição Reis e filha Lucinda dos Reis Duarte, foi o referido imóvel adjudicado ao justificante e sua mãe.
Que, como consta da escritura de habilitação de herdeiros outorgada em sete de março de dois mil e vinte e três, exarada a folhas 57 do livro de notas para escrituras diversas número 2 do Cartório Notarial de Ana Filipa Rodrigues Rosa (Oeiras), faleceu em trinta e um de janeiro de dois mil e vinte e três a referida Aurora Domingues Pereira Duarte, tendo-lhe sucedido como único herdeiro o ora justificante.
Que, em resultado das indicadas doações e partilhas, a posse teve o seu início no ano de mil novecentos e noventa e quatro, tendo o justificante sucedido na posse, sendo por isso seu bem próprio.
Essa posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, em nome próprio e com o aproveitamento de todas as utilidades da fração autónoma, tendo sempre suportado todos os encargos e despesas de conservação, despesas de condomínio, respetivos impostos, e todas as demais despesas de reparação e procedendo às manutenções necessárias e agindo de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade.
Essa posse contínua e pública há mais de vinte anos conduziu à aquisição da referida fração autónoma por USUCAPIÃO, que invoca, justificando o seu direito de propriedade para efeitos de registo predial, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial, pelas razões expostas.
Lisboa, 4 de abril de 2024

O Adjunto
Rui Miguel Luzia Valério
(no uso da autorização conferida nos termos do artigo 8.º do Decreto Lei 26/2004, de 04.02)

Que o valor deste extrato está incluído na conta da escritura a que se refere, da qual foi emitido recibo.

necrologia

Servilusa 800 204 222

Dr. PEDRO TORRES DE CASTRO E ALMEIDA

MISSA 7º DIA

Sua família participa que será celebrada Missa de 7º Dia amanhã, dia 25, às 19:00 horas na Igreja de Santa Isabel.

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

Diario de Noticias

A CAMINHO DE BAGDAD

O avião "Patria" levantou ontem vôo do Cairo

A NOSSA SUBSCRIÇÃO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 24 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A TRAGEDIA DO RAPIDO MADRID-SEVILHA

A policia espanhola tem nas suas mãos todo o trama da hedionda tragedia, tendo-se realizado novas prisões sensacionais

Honorio Sanchez, cumplice de Teruel, foi preso em Ciudad Real, afirmando-se que o mesmo aconteceu a Francisco de Dias Piqueros

MADRID, 22.—Pode afoitamente afirmar-se que a policia tem já toda a pista que a leva ao perfeito conhecimento do hediondo trama que originou a horrorosa tragedia do «rapido» de Andaluzia. Morto Teruel, encontram-se presos Navarrete, Francisco Piqueros e Honorio Sanches, cumplices do suicida da «calle» de Toledo.

No quarto ocupado por Antonio Teruel Lopes, e que já ontem descrevemos, a policia encontrou, além do bilhete a que tambem nos referimos, e em que Teruel chamava a si todas as responsabilidades, papeis cuidadosamente cortados em pequenos pedacinhos. Reunidos alguns deles viu-se que se tratava duma cautela de penhores dum anel de ouro com brilhantes.

A cautela tinha a data de 10 do mês corrente e correspondia á importancia de 90 pesetas, 80 das quais haviam sido entregues. Procurada a casa penhorista veio a saber-se que a caderneta que servira para a operação pertencia a Francisco de Dias Piqueros, de 34 anos, morador em Alarcão, 3, Dainriel. Teruel havia dado como seu domicilio Carmen, numero 14.

Resta saber agora quem é e onde se encontra Piqueros, seguindo a policia afanosamente esta pista, a que liga grande importancia, esperando deitar-lhe a mão em breve, visto já ter averiguado que ele se ausentou de Madrid no dia seguinte ao da tragedia. Supõe que este novo cumplice de Teruel se tenha refugiado na provincia de Jaen, onde a Guarda Civil se encontra já em grande movimento.

Na casa do suicida foi ainda encontrada uma correia igual a uma outra que foi encontrada na cintura de Ors e que então se julgou que pertencia a alguem bastante magro. Igualmente foi notado pela policia que o dinheiro que existia em casa de Teruel estava sujo de terra ainda fresca, o que denotava que o mesmo estivera recentemente enterrado.

Havia ainda perto do cadaver um saco repleto de moedas de cinco, duas e uma peseta, uma bolsa de prata, de malha duplo, um relogio de ouro «Woltam», outro «Hector», tambem de ouro, de 18 quilates, varias joias dentro de estojos, um revolver «Smith», com a carga completa, e uma nota de 25 pesetas.

E' preso em Ciudad Real Honorio Sanchez um dos bandidos companheiro de Teruel

MADRID, 22.—Perto de Ciudad Real, no termo de Calzada Calatrava, na quinta chamada da «Alameda», um capitão da guarda civil e dezasseis guardas prenderam Honorio Sanchez, um dos autores do crime do «expresso» de Andaluzia. Não opôs resistencia. Deve chegar a Madrid amanhã, ás sete horas.

Dá-se como certa a prisão de Piqueros sendo-lhe apreendida grande soma de dinheiro

Dá-se tambem como certo que em Martos, provincia de Jaen, foi capturado um individuo de apelido Piqueros, e que se supõe ser o dono da caderneta de que o Teruel se serviu para empenhar o anel de brilhantes a que noutro telegrama nos referimos.

Foi-lhe encontrada uma avultada soma de dinheiro. Interrogado sobre a sua proveniencia, declarou que apenas podia dizer que lho havia dado em Madrid um individuo degenerado, por cujos sinais a policia concluiu que se trata daquele José Sanchez Navarrete que alugou na sexta-feira, á tarde, o automovel n.º 10.740, na Praça de Atocha, para ir a Aranjuez e daí a Alcazar de San Juan, onde entraram os três individuos que tudo faz acreditar fossem os assassinos dos infelizes Lozano e Ors.

No entanto o Director da Segurança nega que tal prisão se tenha dado

MADRID, 23.—A' estação de Atocha acorreram de manhã numerosos jornalistas, esperando que viesse Honorio Sanchez em alguns dos comboios. Não veio em nenhum.

No «expresso» da Andaluzia chegou o pai de Navarrete, mostrando-se muito abatido. Acompanhavam-no alguns amigos pessoais. Os passageiros notaram grande movimento de policia na estação de Vilaverde, supondo-se que Honorio Sanchez se tenha apeado nesta localidade, seguindo para Madrid num automovel celular.

O director da Segurança, que se encontrava na estação de Atocha aguardando pessoas das suas relações, foi interrogado pelos jornalistas, dizendo que ainda não foi preso Francisco Piqueros, o qual está sendo procurado com actividade. Acrescentou que seria pena se tardasse esta prisão, pois que o castigo de tão abominavel crime deve ser pronto e exemplar.

Pessoas chegadas a Madrid contam que ao ser detido, o Honorio tirou rapidamente de uma mala um punhal, com que tentou ferir-se, sendo impedido de o fazer pela guarda civil.

Um individuo que conhece o Honorio disse a um jornalista que lhe preguntára ha dias o que eram uns sinais que apresentava no rosto. O Honorio respondeu que eram queimaduras.

Hoje de manhã ficou concluida a instrução do processo, que passou para a jurisdição militar.

*

(Continua na 4.ª pagina)

A CAMINHO DE BAGDAD

O avião "Patria" levantou ontem vôo do Cairo

Hoje, ás 3 horas da tarde, realiza-se a "quête" das actrizes nas ruas de Lisboa — Amanhã, serão festejados os aviadores no teatro Nacional

O "Diario de Noticias" continua recebendo dos seus leitores donativos para custear as despesas da gloriosa viagem aerea

Beires e Brito Pais retomaram o seu vôo! Estiveram no Cairo três dias—o tempo suficiente para afinarem o avião e para receberem o dinheiro necessario ao empreendimento de nova jornada.

Conseguido isto, bateram as asas, e lá vão!

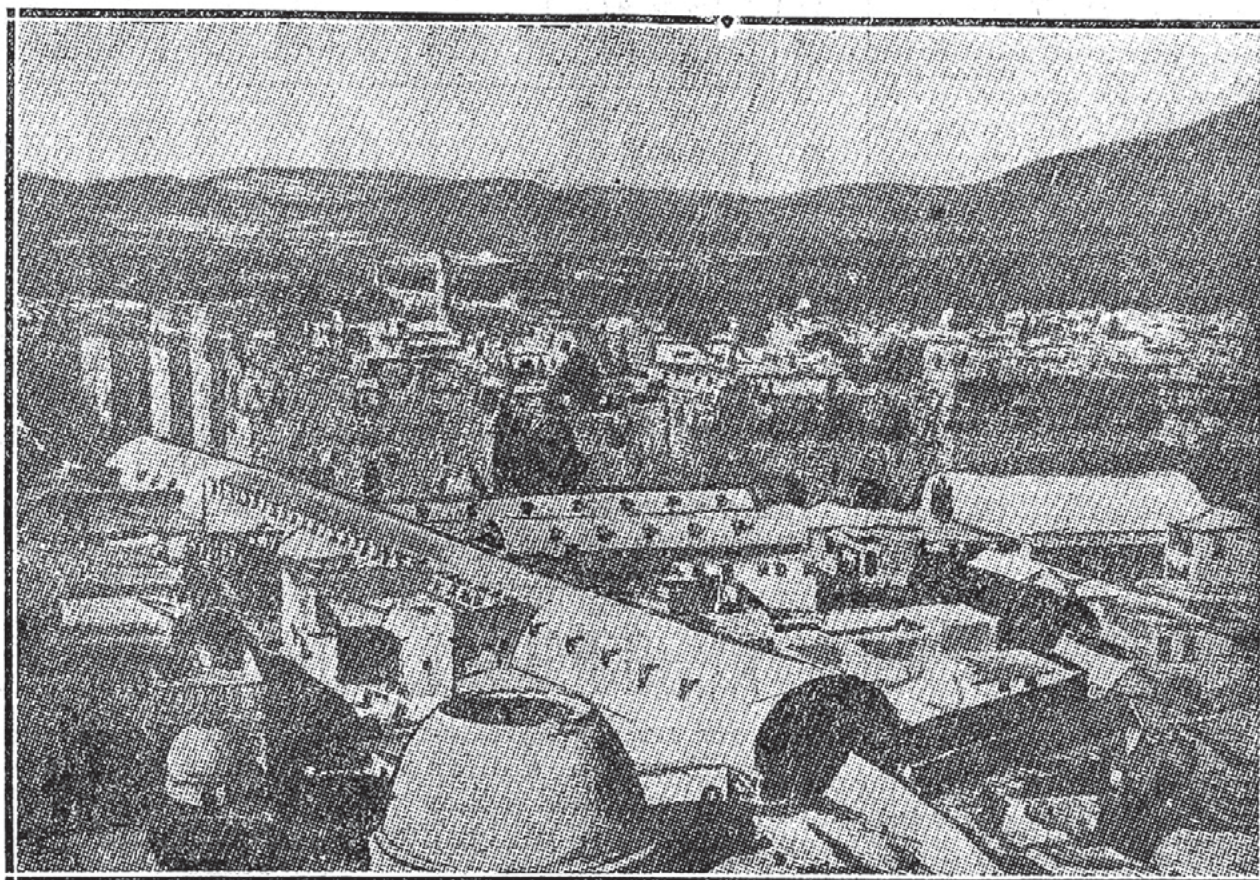
A grata noticia chegou ontem, pelas 3 horas da tarde, ao ministerio dos Negocios Estrangeiros, por via de um telegrama do nrsso agente diplomatico em Alexandria. O telegrama foi expedido ás 11.15 da manhã, de onde se depreende que os bravos aviadores devem ter partido de manhã. Acrescentava o funcionario consular que Brito Pais e Sarmento de Beires foram calorosamente acolhidos pela população do Cairo, tendo sido recebidos em audiencia pelo rei Fuad e pelo alto comissario inglês, lord Allemby.

A noticia, comunicada em seguida á Aéronautica Militar, causou grande entusiasmo em todas as pessoas que ali se encontravam aguardando novas dos aviadores.

Ha agora grande curiosidade de saber onde terá ido aterrar o ‹Patria». Sarmento de Beires, no seu relatorio, tinha previsto a hipotese de descer em Damasco (780 quilometros, calculados em 7 horas e 8 minutos de vôo), ou de seguir directamente para Bagdad, no caso de o tempo se proporcionar favoravel.

Nesta ultima hipotese, os aviadores terão percorrido 1.300 quilometros, voando aproximadamente 12 horas.

Durante o dia de hoje deve chegar noticia da nova étapd do «Patria», que é a oitava realizada, desde Vila Nova de Milfontes.

Ao chegarem a Bagdad, os intrepidos aviadores encontrarão mais 800 libras, que ontem lhes foram enviadas telegraficamente pelo major Cifka Duarte.

Panorama de Damasco

EUROMILHÕES SORTEIO: 033/2024
CHAVE: 6-9-11-32-49 + 2-10
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Demissão do diretor executivo do SNS surpreendeu ministra

SAÚDE Ana Paula Martins recebeu nota de intenção de saída de Fernando Araújo em Bruxelas e prometeu uma reação para quando chegar a Portugal.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

O diretor executivo do Serviço Nacional de Saúde, o médico e gestor Fernando Araújo, apresentou ontem a sua demissão à ministra da Saúde, Ana Paula Martins. A notícia foi confirmada pelo DN junto do gabinete de Ana Paula Martins, que se encontra em Bruxelas na reunião dos ministros da Saúde da União Europeia. Ao que apurámos, a decisão de Araújo surpreendeu a ministra, que promete uma reação para quando regressar ao país.

Recorde-se que Ana Paula Martins, nomeada por Fernando Araújo há um ano para presidente do então Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte, saiu do mesmo cargo no final de dezembro por considerar que a sua função não se adequava ao novo modelo de gestão que integrava aquela unidade, como outras, nas chamadas Unidades Locais de Saúde (ULS).

As divergências entre a visão do novo Governo para a Saúde e o diretor executivo são visíveis nalgumas áreas, nomeadamente na gestão das ULS, tendo Ana Paula Martins anunciado na semana passada que tinha dado um prazo de 60 dias a Fernando Araújo para apresentar um relatório das mudanças que estão a ser operadas no SNS.

Na missiva à ministra, à qual o DN teve acesso, o diretor executivo, agora demissionário, diz que nos 15 meses em que esteve no cargo liderou a maior reforma que alguma vez foi feita no sistema.

"Apesar dos condicionalismos externos, foi realizada a maior reforma, em termos organizacionais, nos 45 anos de existência do SNS. As reformas em qualquer área são difíceis, mas na saúde particularmente complexas e exigentes. No entanto, foi possível concretizar alterações legislativas, introduzir novos modelos económicos, planear estratégias e organizar processos, envolver as equipas das várias instituições, instituir mecanismos externos para monitorizar e avaliar a reforma e, realmente, mudar o SNS", lê-se.

IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGENS

Fernando Araújo compromete-se a entregar ainda o relatório de atividade pedido pela ministra.

Fernando Araújo assume ainda no mesmo documento que a decisão de sair do cargo "foi difícil", mas que a tomou para que não criar obstáculos à nova tutela. "Esta difícil decisão permitirá que a nova tutela possa executar as políticas e as medidas que considere necessárias, com a celeridade exigida, evitando que a atual DE-SNS possa ser considerada um obstáculo à sua concretização", prossegue.

O médico e gestor nomeado pelo ex-ministro, Manuel Pizarro, diz que a sua equipa sai "com a noção de que não [fez] tudo o que tinha sido planeado". "Cometemos seguramente erros, mas o tempo foi sempre curto para executar uma reforma desta dimensão. No entanto, os primeiros sinais são bastante positivos e mais favoráveis do que as previsões que tinham sido inicialmente inscritas nos instrumentos de planeamento. Exerci estas funções com imensa honra e um sentimento de dever público, e irei agora, de forma tranquila, voltar à atividade assistencial, de docente e de investigação, como médico do SNS e professor universitário", descreve.

Fernando Araújo concluí agradecendo aos "profissionais a disponibilidade e empenho que sempre demonstraram, e em particular aos membros do conselho de gestão da DE-SNS".

Quanto ao pedido que a atual ministra lhe fez, o médico garante que a entregará, sugerindo à tutela que a demissão da sua equipa tenha efeitos a partir do "dia seguinte à [apresentação] do relatório da atividade exigido".

Um documento de que "tivemos conhecimento por *e-mail*, na mesma altura que foi divulgado na comunicação social", faz questão de referir.

BREVES

Comparticipação para doentes de Crohn avança

Todos os partidos políticos manifestaram-se ontem a favor da comparticipação de suplementos alimentares para pessoas com doença de Crohn, com a direita a criticar o ex-Governo socialista de inoperância. Na base da discussão no Parlamento esteve a petição sobre a comparticipação da dieta completa em pó Modulen IBD para pessoas com Doença de Crohn, que deu entrada na Assembleia da República em 21 de novembro de 2022, com 10 510 assinaturas.
"Não podemos deixar de registar que o PS, quando Governo, declarou a sua indiferença e agora na oposição manifesta preocupação, de onde se conclui que o PS é mais atento aos problemas das pessoas quando está na oposição do que quando tem o poder de resolver os problemas dessas mesmas pessoas", criticou a deputada social-democrata Sónia Ramos. "[O PS] provou que a sua noção de Justiça Social não passava de um *slogan*. Hoje, liderando o Governo, o PSD, através do grupo parlamentar, volta a colocar na agenda política a concretização de uma medida que reputamos como absolutamente prioritária, a bem das pessoas", salientou.

Entrada da Luz Saúde na Bolsa foi suspensa

A Fidelidade resolveu suspender o plano para colocar em Bolsa a Luz Saúde, que opera uma rede de unidades de saúde, devido à "instabilidade" dos mercados, considerando que "não se encontram reunidas" as condições para "uma correta valorização".
Em comunicado, a seguradora disse que, "apesar do elevado interesse suscitado junto dos investidores, a Fidelidade e a Luz Saúde decidiram não avançar com a operação de colocação em bolsa da Luz Saúde", anunciada no dia 10 de abril. "A decisão foi tomada após cuidadosa avaliação das condições de mercado, caracterizadas pela instabilidade recente nos mercados de capitais, agravada pelas tensões no Médio Oriente. A volatilidade dos mercados atingiu níveis elevados e os principais índices bolsistas globais desvalorizaram, sistematicamente, nos últimos dias. Neste contexto, não se encontram reunidas as condições de mercado que permitam uma correta valorização do ativo".
Na mesma nota, a Fidelidade diz que "reafirma o seu compromisso com a sustentabilidade e crescimento a longo prazo do negócio da Luz Saúde e, como tal, continuará a avaliar opções geradoras de valor para o ativo, não existindo, contudo, qualquer pressão para a realização da operação em condições que não sejam consideradas as mais adequadas".

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 023002
56615